

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

GISELE DE LIMA TEIXEIRA

**MARIA DE ARAÚJO: A MEMÓRIA DA BEATA DE JUAZEIRO DO NORTE NA
LITERATURA DE CORDEL**

**Recife
2015**

GISELE DE LIMA TEIXEIRA

**MARIA DE ARAÚJO: A MEMÓRIA DA BEATA DE JUAZEIRO DO NORTE NA
LITERATURA DE CORDEL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Ciência da Informação
da Universidade Federal de Pernambuco,
para obtenção do grau de Mestre em
Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação,
Memória e Tecnologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilda Maria
Whitaker Verri

Recife
2015

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

T266m	Teixeira, Gisele de Lima Maria de Araújo: a memória da beata de Juazeiro do Norte na literatura de cordel / Gisele de Lima Teixeira. – Recife, 2015. 118 f.: il. Orientadora: Gilda Maria Whitaker Verri. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2018. Inclui referências. 1. Beata Maria de Araújo. 2. Juazeiro do Norte. 3. Literatura de cordel. 4. Memória. I. Verri, Gilda Maria Whitaker (Orientadora). II. Título. 020 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2018-02)
-------	---



Serviço Público Federal
Universidade Federal de Pernambuco
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - PPGCI

GISELE DE LIMA TEIXEIRA

Maria de Araújo: a memória da beata de Juazeiro na literatura de cordel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 23/02/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª D^{ra} Gilda Maria Whitaker Verri (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª D^{ra} Leilah Santiago Bufrem (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Paulo Marcondes Ferreira Soares (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Aos poetas;

Aos Deuses em todas as suas manifestações possíveis;

Às mães Oxum e Iemanjá por fazerem eu me sentir tão acolhida e amada;

Ao Exu, senhor dos caminhos, sempre presente;

Aos meus pais José Porfírio e Maria Zilma, pela vida;

A minha irmã Glícia, pelos ensinamentos desde sempre;

A minha vizinha Lindonora, por me fazer sentir a saudade mais bonita;

Aos avós Altino e Edite, por me darem as melhores lembranças da vida;

A toda minha família pelo amor e carinho;

A Jéssyca Diniz, melhor amiga, companheira de todos os momentos e membra superiora da família que pude escolher;

A Gracy Martins, uma das pessoas mais lindas que já conheci, por ser a maior incentivadora dessa e outras jornadas;

A Camila Maria de Araújo, por ser a pessoa mais incrível do Universo;

A Beethoven da Silva, Jonas Matheus e Dayvid Alves, vocês não sabem como os dias com vocês em Iguatu são sempre tão preciosos pra mim;

A Céu Cavalcanti, por me ensinar a construir e desconstruir tantas coisas;

A Gilda Verri, pela paciência, compreensão, e principalmente por me apresentar “O mal-estar na civilização” de Sigmund Freud

Ao corpo docente do PPGCI – UFPE, em especial à Leilah Bufren e Cristina Oliveira pelo apoio e incentivo;

A minha turma por todos os momentos de estudos e descontração, e principalmente pelo apoio.

RESUMO

Analisa a relação entre literatura de cordel, memória e Ciência da Informação. Identifica e evidencia a necessidade de rememorar a Beata Maria de Araújo, protagonista do milagre que fez de Juazeiro do Norte, Ceará, o maior centro de romarias do Nordeste, reconhecendo-a como importante ícone da memória da cidade, porém tomado pelo esquecimento. O objeto do estudo são os cordéis que mencionam a Beata encontrados nas cordelotecas da cidade de Juazeiro do Norte, verificando através da análise do conteúdo como se dá a representação da Beata nessa produção de significativo alcance no meio popular. Para findar na obtenção destes objetivos, apresenta os construtos históricos, conceituais e estruturais de literatura de cordel, afirmando sua relevância como instrumento de memória e sua importância na cultura de Juazeiro do Norte. O estudo permitiu identificar nos folhetos que Maria de Araújo aparece, em geral, de maneira dependente à figura de Padre Cícero, sendo nítida a ausência de elementos que relatem sua memória pessoal.

Palavras-chave: Beata Maria de Araújo. Juazeiro do Norte. Literatura de Cordel. Memória.

ABSTRACT

This master thesis examines the relationship between *literatura de cordel*, memory and Information Science. It identifies and highlights the need to recall the Blessed Maria de Araújo, protagonist of a miracle who turned Juazeiro do Norte, Ceará, into the largest pilgrimage center in Brazilian Northeast, and recognize her as an important icon of the city's memory, although she always has been sidelined along the city and Catholic Church history. This thesis analyzes the cordéis that mention Maria de Araújo, all of them found in cordelotecas in the city of Juazeiro do Norte. It checks through an analysis of content how this production of significant reach in the popular media represents Maria de Araújo. To conclude in achieving these objectives, it presents historical constructs, conceptual and structural pamphlet literature, affirming its relevance as a memory tool and its importance in Juazeiro do Norte culture. From this perspective, this thesis also identifies the forgetfulness and the lack of elements to share and / or represent the memory of Blessed Maria de Araújo, in the history of the city of Juazeiro do Norte - CE.

Key Words: Blessed Maria de Araújo. Juazeiro do Norte. Literatura de cordel. Memory.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Cordéis em Juazeiro do Norte que mencionam Maria de Araújo	38
Quadro 02	Categorias e subcategorias dos cordéis selecionados	40
Quadro 03	Cordéis que falam da Beata	40
Quadro 04	Cordéis que falam do milagre	66
Quadro 05	Cordéis que falam de Juazeiro do Norte	82
Quadro 06	Cordéis que falam sobre Padre Cícero	97
Quadro 07	Cordéis que falam sobre outras personalidades	105
Quadro 08	Cordéis não-histórico-biográficos	107
Quadro 09	Fatos da vida de Maria de Araújo abordados pelos cordelistas	110
Quadro 10	Personalidade de Maria de Araújo segundo os cordelistas	111
Quadro 11	Características da vida de Maria apontadas pelos cordelistas	112

LISTA DE SIGLAS

CCBNB – Centro Cultural do Banco do Nordeste

LACIM – Laboratório de Ciência da Informação e Memória

SESC – Serviço Social do Comércio

MPC – Memorial Padre Cícero

SUMÁRIO

1 Introdução.....	11
2 Maria de Araújo: a mulher esquecida na história de Juazeiro do Norte.....	16
3 Literatura de cordel	24
3.1 Da oralidade à escrita: fonte de memória	25
3.2 A literatura de cordel em Juazeiro do Norte	27
4 Ciência da Informação e Memória	31
4.1 A interdisciplinaridade da CI.....	32
4.2 Conceitos de memória.....	33
5 Maria de Araújo na literatura de cordel	37
6 Considerações	113
Referências	117

1 Introdução

A literatura de cordel, uma das mais autênticas expressões populares da cultura nordestina, consiste na narração de histórias em forma de poesia. O cordelista registra sentimentos, assuntos ligados à política, problemas sociais, fatos cotidianos e históricos. Os versos divertem, traçam a identidade de seu povo e testemunham a história. Assim, entende-se a literatura de cordel como fonte de memória, pois retrata a cultura através da expressão de seus valores.

Na região do Cariri, sul do Estado do Ceará, entre suas diversificadas manifestações culturais, encontramos a literatura de cordel com acentuado destaque nas representações culturais e históricas, principalmente com forte legado religioso em torno da figura do Padre Cícero Romão, padroeiro e líder político da cidade de Juazeiro do Norte. É imensurável a produção de cordéis que relatam os causos vivenciados pelo padre, que foi reconhecido como santo na cidade e na região, bem como seus milagres e feitos.

No entanto, outros personagens fazem parte dessa história e são ícones de grande importância na constituição da memória coletiva da cidade, entre eles, a Beata Maria de Araújo.

Maria de Araújo, durante uma comunhão, recebeu do Padre Cícero uma hóstia que se transformou em sangue, protagonizando assim, o milagre de Juazeiro e fazendo da cidade um grande centro de romarias. Maria, mulher nordestina, negra, pobre, artesã e analfabeta, responsável pela santificação de Cícero Romão, foi perseguida, castigada pela Igreja Católica e apagada da história sem menções ou honras de santidade. A Beata raramente é mencionada, ou é até mesmo esquecida, nos relatos oficiais da história/memória da cidade.

Os estudos da memória, em torno dos aspectos de preservação, têm originado discussões sobre os mecanismos sociais, produtores da memória coletiva, seja na forma oral ou escrita. Entende-se memória coletiva como as experiências vividas por um grupo, assim, identifica-se a literatura de cordel como fonte de memória, enquanto registro cultural de fatos históricos, por meio das representações dos cordelistas, que registram suas vivências e observações das relações partilhadas entre sujeitos sociais de um espaço geográfico comum e um mesmo tempo histórico.

Reconhecida como interdisciplinar, a Ciência da Informação investiga as dinâmicas que envolvem a informação, em sua disseminação, armazenagem e uso, dentro de um contexto, seja ele social, econômico, histórico ou científico. A informação é então representada por meio de construções sociais que envolvem a linguagem, inteligível aos interlocutores. É esta inteligibilidade que torna possível a recuperação das informações, por meio dela há o que podemos chamar de ativação da memória. Ou seja, uma informação é registrada dentro de um plano simbólico acessível a determinado grupo, este a recupera por meio das ferramentas desenvolvidas para tal fim e dela faz uso, estruturando e tornando tangível, a memória.

Este trabalho nasce da inquietação de reavivar a memória da Beata Maria de Araújo, considerando sua importância para a memória da região do Cariri. Mesmo diante da fragilidade dos registros existentes notou-se, inicialmente, alguma expressividade da imagem da Beata na literatura de cordel. Isso impulsionou a busca da sua história através deste suporte, entendendo a literatura de cordel enquanto registro cultural de fatos históricos, através das representações dadas pelos cordelistas, que registram suas vivências e observações. Desta forma, questiona-se: como a literatura de cordel retrata Maria de Araújo, mesmo sendo esta uma personalidade inferiorizada em relação à figura de Padre Cícero, quase invisível na historiografia oficial da cidade?

Destarte, tem-se por objetivo, identificar a produção de literatura de cordel em Juazeiro do Norte que retrata a Beata Maria de Araújo, considerando sua importância como registro de memória para a região do Cariri. Como objetivos específicos temos: Analisar os pressupostos históricos e conceituais da literatura de cordel; relacionar, através da literatura de cordel produzida em Juazeiro do Norte, os folhetos que fazem menção à Beata Maria de Araújo; realizar análise de conteúdo sobre os textos de interesse; estabelecer uma lista referencial de folhetos e termos, sobre a Beata, possibilitando uma contribuição para o registro da memória documental de Juazeiro do Norte; Apontar a relevância do cordel para a Ciência da Informação como instrumento de registro e resgate da memória coletiva na sociedade.

Este estudo, documental em essência, inicia-se com uma revisão bibliográfica a respeito da relação entre Ciência da Informação e literatura de cordel, com finalidade de analisar e discutir como Maria é representada pelos cordelistas de

Juazeiro do Norte. A pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, o que requer uma análise mais cuidadosa (OLIVEIRA, 2013). De acordo com Gil (2002), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser fonte rica e estável de dados, visto que exige apenas o contato do sujeito com as fontes.

O levantamento de dados foi realizado em janeiro de 2014, nas bibliotecas da cidade de Juazeiro do Norte que possuem acervo de cordel, foram elas:

- a) Biblioteca do SESC Juazeiro do Norte, com cerca de 14.000 exemplares;
- b) Biblioteca e do Laboratório de Ciência da Informação e Memória da Universidade Federal do Cariri, com cerca de 1.000 exemplares;
- c) Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Nordeste, com cerca de 1.000 exemplares;
- d) Biblioteca do Memorial Padre Cícero, com cerca de 1.000 exemplares.

Nas bibliotecas do SESC e do Laboratório de Ciência da Informação e Memória, os acervos são organizados por classes temáticas, nessas instituições optou-se por selecionar os títulos com temas que abordassem aspectos históricos e/ou religiosos de Juazeiro do Norte.

Na biblioteca do Centro Cultural do Banco do Nordeste o acervo é organizado por ordem alfabética de título. No Memorial Padre Cícero o acervo é organizado por ordem alfabética de autor. A forma de organização dos acervos nas duas últimas instituições mencionadas dificultou a pesquisa, visto que foi necessário examinar todos os títulos a fim de selecionar os relevantes.

A quantidade de exemplares de cada biblioteca foi informada pela bibliotecária responsável durante o levantamento.

Inicialmente pensou-se em delimitar um período da produção dos cordéis para o estudo, porém percebeu-se a pequena quantidade de material citando Maria de Araújo, o que não geraria documentação suficiente para o desenvolvimento da pesquisa. Também deve se levar em consideração que grande parte dos cordéis não apresenta a data de publicação.

A princípio foram selecionados para uma rápida leitura os cordéis sobre Juazeiro do Norte e/ou Padre Cícero, visto que em grande parte dos cordéis Maria de Araújo aparece como coadjuvante, não sendo possível identificar a relevância do cordel para a pesquisa apenas pelo título.

Com um total de cerca de 17.000 exemplares, foram selecionados 43 cordéis para compor o corpus da pesquisa. Foram selecionados não apenas títulos que contam a história de Maria de Araújo e relatam sua importância na história da cidade de Juazeiro do Norte, também compõem essa pesquisa, cordéis que apresentam qualquer menção à Beata, contendo inclusive, um texto de caráter ficcional.

Os cordéis dedicados à história de Maria de Araújo são apresentados na íntegra. Nos cordéis com outras temáticas, como por exemplo, a história de Padre Cícero ou de Juazeiro do Norte, são transcritos apenas o(s) verso(s) onde Maria de Araújo é mencionada. Os textos estão apresentados em quadros, redigidos da forma como foram escritos pelos cordelistas, alguns apresentam erros de ortografia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi escolhida como metodologia a análise de conteúdo, buscando nos cordéis detalhes das informações, dados e evidências. A análise de conteúdo é utilizada no tratamento de dados de pesquisas qualitativas que, de acordo com Bardin (2000) baseia-se em descobrir os diferentes núcleos de sentido que constituem a comunicação, para posteriormente realizar o seu reagrupamento em classes ou categorias.

A análise de conteúdo permite o acesso aos conteúdos explícitos e implícitos de um texto, como a implicação de contexto político nos discursos, a exploração da moralidade, as representações sociais, o inconsciente coletivo sobre determinado tema, o repertório semântico ou sintático de determinado grupo, a análise da comunicação cotidiana, verbal, escrita, entre outros.

No método de análise de conteúdo de Bardin (2000), a análise é feita em três etapas:

- a) pré-análise: consiste em organizar o material coletado, com finalidade de operacionalizar e sistematizar a interpretação dos dados. Nessa etapa é realizada a leitura flutuante, que consiste em conhecer o conteúdo do material e definir o corpus;
- b) a exploração do material: consiste na análise dos dados com a finalidade de alcançar a compreensão do texto;
- c) tratamento dos resultados: nessa etapa é realizada a inferência e a interpretação dos dados, com finalidade de se tornarem significativos, assim, o pesquisador aponta suas impressões de acordo com o quadro teórico, e/ou identifica novas dimensões a respeito do assunto.

A fim de atingir os objetivos, este trabalho se organiza da seguinte forma: O primeiro capítulo é composto pela introdução, onde se apresenta a pesquisa, as

temáticas abordadas nesse estudo e também o percurso metodológico. O segundo capítulo trará a história de Maria de Araújo e seu lugar no contexto religioso de Juazeiro do Norte. O terceiro capítulo apresentará um histórico da literatura de cordel, bem como sua forte presença na cultura da cidade de Juazeiro do Norte – CE. O quarto capítulo discorrerá acerca dos fundamentos teóricos da Ciência da Informação, relacionando-a com os estudos voltados à memória. No quinto capítulo encontram-se a análise e discussão dos dados. O último capítulo traz considerações finais e reflexões, explicitando sua contribuição para a academia.

2 Maria de Araújo: a mulher esquecida na história de Juazeiro do Norte

Juazeiro do Norte é uma cidade da Região Metropolitana do Cariri, localizada no sul do estado do Ceará, nacionalmente conhecida por suas grandes romarias em homenagem ao Padre Cícero, e também a cidade que mais cresce economicamente no interior do estado. O vale do Cariri, conhecido como o Oásis do Sertão por conta de recursos hídricos e minerais provenientes da Chapada do Araripe, foi povoado no século XVIII por criadores de gado pernambucanos e baianos atraídos pelas terras férteis, e rapidamente se tornou grande produtor de cana-de-açúcar.

Em meados de 1860 deu-se o surgimento de um importante fato na vida religiosa da região, Padre Ibiapina, religioso cearense conhecido como “apóstolo do nordeste”, iniciou no Cariri sua missão de arquitetar, açudes, estradas, poços e casas de caridade com finalidade de auxiliar os atingidos pela epidemia de cólera e pela seca. As casas de caridade tinham como objetivo acolher meninas e mulheres, que seriam educadas com base nos princípios cristãos, estas casas destinavam-se a servir como escola para as filhas dos fazendeiros, orfanato para as crianças abandonadas e, principalmente, convento para a congregação criada por Padre Ibiapina. As mulheres que optavam pela vida religiosa eram conhecidas como Beatas, denominação que foi utilizada por anos para designar as mulheres que serviam a Igreja, mesmo sem vínculo oficial (PINTO JÚNIOR, 2002).

Nesse período, o catolicismo oficial encontrava-se em situação crítica nas vilas sertanejas e devido ao limitado número de padres. Segundo Della Cava (1976) atividade religiosa no Vale do Cariri era resumida a festas importantes da Igreja, como Natal e Páscoa, quando a Diocese enviava Sacerdotes para realizar as celebrações. Esse afastamento da Igreja oficial deu início a um catolicismo popular, fundamentado em crendices e misticismos, muito presente ainda hoje no Nordeste brasileiro. O então Bispo do Ceará, Dom Luís, envia o Padre francês Pierre Chevallier com a missão de fundar o primeiro seminário da região, inaugurado em 1875, dando início à missão de restaurar o catolicismo nos moldes da Igreja de Roma.

Tabuleiro Grande era em 1872, ano da chegada do Padre Cícero, uma pequena vila pertencente ao Crato. A vila era o principal ponto de apoio aos viajantes que se dirigiam às cidades do Crato e de Missão Velha. O Padre recém-

ordenado em Fortaleza encarregou-se da celebração do Natal da vila. Durante a noite após a missa, enquanto dormia, Padre Cícero sonhou com Cristo, que o incumbiu a missão de cuidar do povo sertanejo. Sonho este, que alguns meses depois trouxe Padre Cícero de mudança para a vila (LIRA NETO, 2009).

Segundo Della Cava (1976), em 1875, Tabuleiro Grande tinha cerca de 2.000 habitantes, 32 casas e ares de fazenda de cana-de-açúcar. Antes da chegada do Padre Cícero a vila era repleta de criminosos e desordeiros. O Padre se tornou rapidamente um líder respeitado e apaziguador da população.

E, de mais a mais, dentro dos limites de sua igrejinha, ele também contribuía como o objetivo supremo do bispo, o de moralizar o rincão da província: O cajado do capelão do Juazeiro continuava a enfrentar os valentões, os desordeiros e as mulheres perdidas com a veemência dos primeiros dias [...] 'Lá vem seu padre', era o grito de alarme para os que ainda insistiam em fazer samba em Juazeiro. Ao ouvir a frase, todos batiam em retirada, na mais desbalada carreira (LIRA NETO, 2009, p. 54).

Assim como Padre Ibiapina, Cícero recrutava moças para auxiliar nas tarefas de sua missão como líder do povoado, uma das mais fiéis ajudantes de Cícero era Maria de Araújo. Em março de 1889, durante a missa semanal celebrada todas as sextas-feiras, Padre Cícero ministrava a comunhão aos fiéis e ordenou que as Beatas fossem as primeiras a receber o sacramento. Maria de Araújo recebeu a hóstia que se transformou em sangue ao tocar a sua língua. A notícia se espalhou, e o povo, afeiçoado ao Padre atribuiu-lhe um milagre, conhecido como “O Milagre de Joazeiro¹” e passou a venerá-lo como um santo.

Este fato repetiu-se sucessivas vezes com Maria de Araújo e católicos vinham dos mais diferentes lugares, alguns apenas para ver de perto o sangue de Cristo ali derramado na boca da Beata, outros para fixar residência na vila abençoada, onde havia um Padre milagreiro que, segundo o povo de Juazeiro do Norte, aconselhava às pessoas que em suas casas houvesse “em cada sala um oratório, em cada quintal uma oficina”, e recebia a todos que queriam uma vida de fé e trabalho.

Os boatos do milagre logo chegaram ao Bispo em Fortaleza que se sentiu afrontado por saber do ocorrido não diretamente por Padre Cícero, mas sim por terceiros, e ordenou que o sacerdote afastasse a Beata da vila, e a mandasse morar

¹ Grafia de Juazeiro do Norte no período do milagre.

no Crato. O Padre desobedeceu à ordem do Bispo e Maria de Araújo continuou na vila, deixando o epíscopo ainda mais ofendido, o que o levou a conduzir um inquérito para averiguar o ocorrido.

Vários padres e médicos atestaram a veracidade do milagre. Não satisfeito com o resultado da primeira investigação, o Bispo conduziu um segundo inquérito e o caso foi considerado pela Igreja como um sacrilégio. A Beata foi considerada mentirosa, e o Padre Cícero foi afastado de suas funções sacerdotais.

Em abril de 1894, a Igreja envia de Roma um decreto ao Bispo de Fortaleza onde se lia:

Que os pretensos milagres e quejandas coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; por isso o juízo apostólico os reprovava e todos devem reprová-los, como reprovados e condenados cumpre serem havidos (FORTI, 2009, p. 52).

E ordenava ainda que: Maria de Araújo, depois de imposta uma grave penitência, fosse recolhida a uma casa religiosa dirigida por um Ordinário informado de seus antecedentes; proibiu a visita de peregrinos e curiosos à Beata; ordenou que todos os escritos sobre o fato fossem recolhidos e queimados e que todas as pessoas, sacerdotes e leigos fossem proibidos de falar ou escrever sobre o acontecimento. Todos os sacerdotes que acreditavam no milagre foram proibidos de manter qualquer contato com a Beata, inclusive proibidos de orientar-lhe espiritualmente. Os panos manchados de sangue que foram usados durante a comunhão da Beata foram queimados pela Igreja.²

No ano do ocorrido, 1889, Monsenhor Monteiro assegurara:

Não há dúvidas de que a Beata Maria de Araújo, humilde, pobrezinha é uma santa, é uma santa como a história ainda não registrou! Muitos livros não bastaram para neles se escrever o que há de sobrenatural naquela simples criaturinha de Deus! (MONTEIRO, 1889 apud LIRA NETO, 2009, p. 68).

Para a doutrina católica, leigo é o fiel ordinário, que não fez nenhum voto sacerdotal. Até a instituição do Concílio Vaticano II³, leigos não tinham função nem importância na Igreja, e a mulher foi considerada durante muitos anos inferior a eles.

²FORTI, M. C. P. **Maria do Juazeiro**: a Beata do Milagre. São Paulo: Annablume, 1999.

³Reforma na Igreja Católica com finalidade de adaptar e modernizar os dogmas vigentes às novas necessidades dos fiéis.

Maria de Araújo, além de mulher, era negra, e a recente abolição da escravatura no Brasil tornou maior o preconceito e desprezo pela Beata.

Figura 01: Única fotografia atribuída à Maria de Araújo



Fonte: http://cariricangaco.blogspot.com.br/2014_01_01_archive.html

O Padre Alencar Peixoto no livro “Joaseiro do Cariry”, demonstra verdadeiro desprezo pela religiosa:

Maria de Araújo é o produto do cruzamento de duas raças [negra e índia] dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher. Ela é de estatura regular, brunduzia, triste, vagorosa, entanguida [encolhida], essencialmente caquética, porque tem como ascendentes uma série de caquéticos ou tuberculosos. A cabeça que traz sempre descoberta tem a configuração de um corredor de boi, escamado. O cabelo nem é preto nem é branco. Os olhos pequenos e sem raio sequer de expressão que lhe ilumine o semblante,

mexem-se histericamente nas fraldas de uma testa estreita e protuberante. O nariz irrompe entre olhos, sem base e levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de asas chatas até os ossos molares, achamboirados [grosseiros], entupidos nas galhetas [rugosas] bochechas cavas. Os beiços moles e relaxados deixam a descoberto a um dos cantos da cóstoma (maus odores) boca, à competência com a pele de azeitona em estado de putrefação, denegridos os dentes lanianos. É uma alma execrável (PEIXOTO, 1913, apud FORTI, 2009, p.39).

É também possível reconhecer preconceito na declaração feita pelo Pierre-Auguste Chevalier, quando ele diz que “Jesus Cristo não vai deixar a França para obrar milagres no Brasil” (FORTI, 2009, p. 75).

A perseguição à Beata e aos que acreditavam no milagre foi severa. Padre Quintino, que no primeiro inquérito afirmara ter visto o milagre, depois, a pedido do Bispo Dom Joaquim, escreve um longo depoimento desqualificando a Beata e negando ter presenciado a transformação da hóstia em sangue. Dom Joaquim também pede esclarecimentos à outra testemunha do caso, Monsenhor Monteiro, que continuou afirmando a sobrenaturalidade do fato.

Não se sabe como Dom Joaquim, em novembro de 1891, pediu que Padre Quintino e Monsenhor Monteiro se retratassem. Porém um mês depois dos depoimentos, Monsenhor Monteiro e outros dois padres foram destituídos da reitoria por terem se manifestado “em franca oposição aos ensinamentos do Diocesano”, e foi nomeado como novo reitor Padre Quintino, que havia desqualificado Maria de Araújo (FORTI, 1999, p 83).

Recolhida em uma residência da Diocese, Maria que supostamente sofria de enfermidades no estômago e pulmão, foi vítima de vários castigos físicos e psicológicos e morreu em 1914.

As casas de Juazeiro do Norte eram enfeitadas com imagens do Padre e da Beata, que eram considerados santos. Eram comercializadas fotos e medalhas com as imagens dos santos de Juazeiro. Até a década de 1930, os romeiros ao chegar a Juazeiro, visitavam primeiro o túmulo de Maria de Araújo, na Capela do Socorro, para só então ir visitar o Padre Cícero e os outros lugares sagrados.

A Beata teve sua sepultura violada e seus restos mortais saqueados. “Isso incomodava tanto as autoridades a ponto de tirarem seu corpo do túmulo” (FORTI, 1999, p. 99). No local onde ela fora sepultada há uma placa simbólica inaugurada em 1991, dizendo que ali “repousam seus restos mortais”, porém no local da placa

não há túmulo e até hoje não se sabe o paradeiro dos restos mortais da Beata.

Havia em Juazeiro do Norte um busto em sua homenagem na Praça Carlos Jereissati, ao lado do Memorial Padre Cícero. O busto foi erguido em 1992, durante a administração do então prefeito Carlos Cruz, porém, o monumento foi vandalizado, e não se sabe seu paradeiro.

Figura 02: Busto de Maria de Araújo inaugurado em 1992



Fonte: <http://www.youblisher.com/p/213346-Please-Add-a-Title/>

Jesus Cristo, em sua última ceia, distribuiu pão e vinho entre seus discípulos, disse que aqueles alimentos servidos eram seu corpo e sangue, e ordenou que repetissem o gesto em sua memória. A missa, principal celebração da Igreja Católica, tem seu ápice no momento da eucaristia, onde o sacerdote repete as palavras de Cristo, consagra pão e vinho pedindo que Jesus se faça ali presente, e distribui entre os fiéis elementos simbólicos que representam o redentor dos cristãos.

O que ficou conhecido na época como “O milagre de Joaseiro”, não é apenas derramamento de sangue, mas, para os católicos, Jesus que se fez presente, não só

em presença espiritual, mas também em matéria. Maria não precisou obrar nenhum outro milagre, como curar ou ressuscitar, ela recebeu os sinais da paixão de Cristo. Para o povo de Juazeiro do Norte, Maria foi um instrumento usado por Cristo para lembrar ao povo seu sacrifício em prol da salvação dos que nele acreditam.

O sangramento da hóstia na boca da Beata foi a manifestação que tornou a cidade um espaço sacro. Porém na literatura, nos lugares sagrados da cidade, nos benditos entoados pelos fiéis, a figura da Beata é apresentada de uma maneira um tanto inferior à do Padre Cícero.

Maria de Araújo faz parte daqueles ‘sem-lugar’, ‘sem-poder’, dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o código de Direito Canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do status de mulher, pois era negra: “raça infecta” pelas constituições do arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto fazia parte daqueles que não constroem a história (FORTI, 1999, p. 109).

Quase todos os relatos sobre o milagre de Juazeiro colocam o Padre Cícero como seu protagonista. O nome da Beata Maria de Araújo foi sendo esquecido aos poucos, até apagar-se quase completamente da história e da memória juazeirense.

O Padre Cícero sustentou as consequências do ocorrido, seja acolhendo os romeiros e alimentando sua fé, seja sofrendo os castigos impostos pela Igreja (FORTI, 1999). O fato de Maria de Araújo ter se tornado coadjuvante no milagre faz com que escrever sobre a Beata possa se tornar tarefa limitada, já que a bibliografia sobre ela é ainda um tanto restrita. E nada retrata sua “história de vida”.

A Igreja ordenou anos depois que a devoção surgida em volta da Beata, e junto, toda sua memória, fosse esquecida. Segundo Silva (2010, p.6), o esquecimento da Beata na historiografia de Juazeiro, seja propositalmente ou não, é claramente evidenciado nas obras produzidas acerca do famoso Milagre de Joaseiro.

Para contextualizar esse fato, o autor identificou obras⁴ que associam a cidade de Juazeiro do Norte ao Padre Cícero, em vários aspectos, mas sempre

⁴ O Padre Cícero que eu conheci, de Amália Xavier de Oliveira; O Padre Cícero por ele mesmo, de Therezinha Stella Guimarães e Anne Demoulin; O Padre e a Beata, de Nertan Macedo; Padre Cícero, mito e realidade de Otacílio Anselmo; Juazeiro do Padre Cícero de Lourenço Filho; O patriarca do Juazeiro de Azarias Sobreira; entre tantos outros. (SILVA, 2010, p. 6)

mantendo esquecida a figura da Beata Maria de Araújo, protagonista deste milagre, que a fazia derramar sangue pela boca ao receber a hóstia consagrada das mãos do Padre Cícero (SILVA, 2010).

A Beata do milagre, filha de Antônio da Silva de Araújo e Ana Josefa do Sacramento, nasceu em 24 de maio de 1863 no povoado de Tabuleiro Grande. Era conhecida popularmente como Maria Preta. O nome Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo aparece pela primeira vez no depoimento do inquérito. Forti (1999) entende que a relação do nome tem a ver com os fatos realizados pela mesma e deduz, com base no que foi escrito sobre ela, que seu nome de batismo era apenas Maria. “Este novo nome não era institucional, já que fora assumido por ela quando de sua opção pela vida consagrada, tornando-se uma Beata” (FORTI, 1999, p.109).

Padre Cícero mesmo, diretor espiritual da Beata desde os seus dez anos de idade, não usava o novo nome quando se referia a ela. Nos depoimentos, em cartas, chama-a simplesmente Maria de Araújo. Ao dirigir-se pessoalmente a ela chama-a apenas de Preta (FORTI, 2009, p.109)

Pouco se fala sobre a vida ou história pessoal da Beata, todos os relatos referentes a ela são diretamente ligados ao milagre e ao Padre Cícero.

Maria de Araújo era, segundo Manoel Diniz, mestiça, cabelos quase crespos que usava cortados baixinho, estatura média, franzina, cabeça pequena, um pouco arredondada, olhos quase negros e suaves na expressão, lábios um pouco grossos, nariz pequeno, faces um pouco salientes, queixo pequeno, pescoço bem proporcionado, oriunda de família pobre que trabalhava com artesanato desde criança, e quando órfã, foi amparada por Padre Cícero, que tinha por ela uma consideração especial (LIRA NETO, 2009, 62).

Alguns livros foram publicados em torno dos relatos do milagre. Entre os poucos, o da pesquisadora Maria do Carmo Forti (1999) busca reconstituir a vida da Beata e tornar reconhecível a sua santidade. Os famosos folhetos de cordéis também têm seu personagem principal voltado para a figura do Padre Cícero. Produto da cultura popular, os cordéis retratam o Padre, o milagre e seus feitos, em que a Beata é coadjuvante, mesmo sendo mártir.

3 Literatura de cordel

A literatura de cordel nasceu em terras europeias, no Brasil difundiu-se, principalmente no Nordeste e adquiriu traços típicos da cultura da região, narrando em seus folhetos, com linguagem cheia de ritmos e emoções, comédias, romances, histórias fantásticas, lendas, *causos* cotidianos e temas atuais.

A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas, e possivelmente começa a ser divulgado entre nós no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 5 apud PINTO 2011).

Os folhetos eram inicialmente impressos em papel pardo e mediam cerca de 12 X 18 cm, composto de 8, 16 ou 32 páginas e continham xilogravuras para ilustração de seus conteúdos. Estes são suporte material para a chamada literatura popular em verso, também conhecida como literatura de cordel ou literatura de folhetos.

A denominação *literatura de cordel* originou-se dos folhetos expostos à venda presos em cordas, usada para designar a produção do estilo em Portugal. Segundo Matos (2010), essa denominação era conhecida apenas pelo público intelectualizado, com acesso à literatura e à cultura ibéricas, onde os próprios poetas desconheciam a expressão, que aos poucos foi disseminada e hoje consolidada. Seus produtores e consumidores não relacionavam o termo cordel a esse gênero poético (LUCENA, 2010). A expressão literatura de folhetos era como os nordestinos a designavam.

No fim do século XIX na Europa, a visão de mundo dominante tem como padrão ideal o homem europeu, branco, letrado e membro da elite. Nas Universidades, as disciplinas integrantes dos currículos são aquelas que ajudam a reforçar essa ideologia, exaltando a literatura e a história nacional e marginalizando as outras línguas, classificando-as como “dialetos” e apresentando as culturas e Identidades regionais como atrasadas, reduzindo-as a Folclore (LEMAIRE, 2010). Assim, surge o preconceito intrínseco ao termo literatura popular, que traz à tona a ideia que é uma literatura de menor valor, rude e ingênua.

O que parece estar em jogo não é o artista ou a obra, e sim a crença que os estudiosos imbuem ao cordel, que o diminui à posição de paraliteratura, pseudoliteratura, subliteratura, dentre outras denominações (LUCENA 2010). O cordel ainda é considerado uma arte dos menos favorecidos, pobres e analfabetos e,

sobretudo uma obra da coletividade, espontânea do povo, vinda da tradição oral. A desigualdade entre as classes sociais associou à escrita moderna com a elite burguesa, enquanto que as tradições populares, com as classes de menos prestígio sociocultural, são relacionadas à improvisação (ALBUQUERQUE, 2011).

Segundo Pellegrini Filho (2012) a literatura de cordel passou a ter reconhecimento por parte dos brasileiros após a publicação de um artigo de Orígenes Lessa na revista Anhembi, em dezembro de 1955, e principalmente depois da publicação de outro artigo, do estudioso francês Raymond Cantel, publicado no Le Monde de 21 de junho de 1969. Foi a partir de meados de 1970, que teve início a formação considerável da bibliografia brasileira nesta área. Mas, mesmo com o reconhecimento de grandes intelectuais de todo o mundo, essa manifestação não obteve um tratamento apropriado e justo.

A cultura dominante classifica a literatura de cordel como inferior. Ela é vista por parte dos eruditos como um fenômeno exótico e folclórico, tendo espaço em feiras, exposições, mercados turísticos. Porém, nos últimos anos, pode-se perceber um crescimento nas pesquisas acadêmicas voltadas para o cordel. A literatura de cordel também tem encontrado espaço na esfera da preservação como patrimônio cultural.

3.1 Da oralidade à escrita: fonte de memória

Uma das principais manifestações culturais do Nordeste brasileiro, a literatura de cordel, surgiu num contexto em que a oralidade se configurava como transmissora da tradição sertaneja. O estudo desse fenômeno torna possível a compreensão da transição da cultura oral para a cultura escrita. A tiragem de grandes volumes era morosa, assim os produtores optavam por imprimir folhas soltas, originando os pequenos folhetos. Mas, de acordo com Lemaire (2010), essa é uma prática que antecede a invenção da imprensa:

A introdução do suporte papel ocorreu na segunda era feudal, parece que a partir do século XI ou XII, espalhando-se progressivamente na Europa a partir da Península Ibérica. Desde esses tempos longínquos, poetas nômades, jograis, *Zeitungssinger* [cantadores que divulgavam notícias na atual Alemanha], começaram a cantar/declamar as suas novidades, histórias, baladas, lendas e muitos outros gêneros poéticos, manuscritos sobre folhas compridas de papel barato que, durante suas viagens, eles enrolavam ou dobravam uma ou duas vezes para facilitar o transporte. Nomes tais

como: *pliego suelto*, *folha solta*, *rol*, *vliegblad*, *broadsheet* e também: *caderno*, *heft*, *schrift* existiam desde a Idade Média para esse tipo de manuscritos; muitos deles ilustrados com imagens, geralmente xilogravuras. Esta prática, - pré-tipográfica – existiu na Europa desde a segunda era feudal e até uma época recente. As pessoas compravam esses manuscritos e pregavam-nas na parede da casa onde ficavam guardados (LEMAIRE, 2010, p. 79).

A cantoria teve um papel essencial na formação da literatura de cordel, já que a poesia impressa no papel apropriou-se dos aspectos performáticos da poesia oral. O cordel advém da oralidade, das cantorias e repentes, a literatura de cordel nasce de transição do oral para o escrito. Mesmo com o avanço da tecnologia, a produção dos folhetos é e continua a partir do oral-auditivo, sua criação surge do movimento da voz.

Contos, fábulas, lendas, mitos são transmitidos de geração à geração por meio da oralidade. Essas histórias perduram no imaginário do povo, que forma e afirma a sua identidade cultural. Segundo Lamaire (2010) somente através da repetição, os conhecimentos integram-se na memória coletiva e transformam-se em tradição.

Tradição pode ser entendida como a transmissão de hábitos, costumes, fatos e valores preservados e mantidos através das gerações. A memória e também o esquecimento do conhecimento dependem do público, o espectador decide o que será lembrado ou não, constituindo assim a existência de uma tradição oral.

A comunicação, ferramenta com função de mediação da interação social, é indispensável para a sobrevivência humana. É atribuída aos gregos a invenção da escrita, surgida a partir da necessidade de registrar o conhecimento, a história. Com a invenção do alfabeto, os gregos deram ao mundo ocidental a base da cultura letrada do pensamento moderno. Ao contrário do que nos vem hoje à mente ao se falar de tecnologia, houve um grande espaçamento de tempo entre a criação do dispositivo, o alfabeto, e sua total aplicação social.

O pronunciamento já não precisava ser memorizado. Podia ficar à mão num artefato, para ser lido quando fosse preciso. As energias mentais assim liberadas por essa economia de memória foram provavelmente grandes, contribuindo para uma enorme expansão do conhecimento disponível ao cérebro humano (HAVELOCK, 1996, p. 85).

A escrita é uma tecnologia para registrar e salvaguardar o conhecimento no papel. A literatura de cordel mantém viva a tradição oral. O folheto ao ser impresso,

traz uma palavra, que por vir do canto, evoca essa voz que foi silenciada ao ser impressa no papel. A leitura traz a memória do texto oral, a memória das tradições e suas representações sociais registradas no suporte de papel (SANTOS, 2010).

Muitos poetas desprezavam a impressão de suas poesias em folhetos, preferindo guardá-las na memória, valorizando as técnicas mnemônicas. Alguns deixavam que seus versos fossem transmitidos apenas por meio da oralidade, não se preocupando com o registro. Sem interesse de comercialização, mesmo quando transcreviam seus versos para o suporte papel, era muito comum que esses poetas identificassem a autoria do folheto por meio de acrósticos, sem apresentar nenhum tipo de identificação, nem mesmo na capa do cordel.

As temáticas do cordel expressam o cotidiano de uma população permeado entre o real e o imaginário. Pode ser reconhecida como fonte de registros para a memória, onde são transcritas vivências atreladas ao contexto histórico-social e marcado em determinado período de tempo. Esse suporte revela, através de sua linguagem, a produção de conhecimento de mundo, suas visões do passado, do presente, as relações críticas com a época em questão e o desenvolvimento da sua sociedade, perfazendo um conhecimento da produção cultural da humanidade (SILVA et al, 2010).

A literatura de cordel sempre com a função de informar, em 1954 vendeu dois milhões de folhetos sobre a morte do popular Presidente da República Getúlio Vargas (GASPAR, 2014). Desde sua popularização o folheto funciona como um jornal popular, repassando as notícias muitas vezes de forma opinativa. Se alguém precisasse de informação sobre algum acontecimento, logo procurava um cordelista.

Até os dias atuais, esses relatos evidenciam sátiras, críticas, revivem contos e constituem uma memória, que parte da história oral e tem como suporte de registro os folhetos. Dessa forma, o cordel como suporte de relatos vivenciados é um construto social oriundo da memória coletiva.

3.2 A literatura de cordel em Juazeiro do Norte

Em Juazeiro do Norte, entre os anos de 1932 e 1982, funcionou a Tipografia São Francisco, de propriedade do poeta José Bernardo da Silva, vindo do Estado de Alagoas em busca da próspera terra do Padre Cícero, como tantos outros

nordestinos. Segundo Melo (2010) apud Paiva (2011) ao chegar em Juazeiro do Norte em 1926, José Bernardo, como tantos outros que ali chegavam, dirigiu-se ao sacerdote para pedir consentimento para viver na cidade. Em 1934, com a morte de Padre Cícero, cresceu consideravelmente a produção e comercialização de folhetos sobre sua vida, o que fez com que a cidade se tornasse um nome no mercado da literatura de cordel.

Em 1949, José Bernardo comprou os direitos autorais da obra de João Martins de Athayde e de Leandro Gomes de Barros. Com o investimento a tipografia passou a receber encomendas de todo o país, tornando-se uma das maiores e mais importantes editoras de cordel do Brasil, sendo também uma das difusoras da xilogravura nos folhetos. No mesmo período a tipografia adquiriu mais tipos, duas máquinas, capazes de imprimir 16 páginas cada, e contratou mais trabalhadores, 12 funcionários no total. Com as aquisições, a produção diária que era de cerca de 6.000 folhetos de 16 páginas e 3.000 folhetos de 32 páginas aumentou para 10.000 de 32 páginas ou mais.

O crescimento das atividades da Tipografia São Francisco deve-se não só ao arrojo comercial de seu proprietário, mas também a um contexto bastante favorável à literatura de folhetos no Brasil ao longo dos anos cinquenta, graças, entre outros fatores, ao crescimento da economia nacional baseado nos investimentos públicos em obras de infra-estrutura e nos investimentos privados no setor industrial. Estas condições puderam garantir a relativa estabilidade dos preços de máquinas e matérias-primas necessárias à expansão das tipografias e aumentar, mesmo que insuficientemente, a renda dos trabalhadores assalariados, principais compradores dos folhetos (MELO 2010, p.100 apud Paiva, 2011).

Em entrevista para Freire (2012), Stênio Diniz, neto de José Bernardo, afirma que no auge da produção, a tipografia contratava pessoas para trabalhar em casa, 50% da dobragem dos folhetos era feita fora da tipografia por falta de espaço. A produção não se estocava, logo era vendida para agentes revendedores ou para clientes no balcão da própria tipografia.

Nesse período José Bernardo encontrou uma alternativa de baixo custo e rápida para a distribuição dos folhetos: utilizar xilogravuras nas capas do cordéis. As capas eram ilustradas com litogravuras e zincogravuras, os clichês de metal utilizados para a impressão das capas vinham de Recife ou Fortaleza, o que demandava tempo e dinheiro. Era comum que os folhetos fossem ilustrados com fotografias de artistas Norte-Americanos ou postais europeus, o que fazia com que

algumas capas não condizessem com o conteúdo do folheto. Como na figura a seguir, onde a ilustração da capa, claramente, não condiz com o conteúdo do folheto:

Figura 03: Folheto anterior à utilização de xilogravuras na capa



Fonte: <http://www.memoriasdocordel.com.br/2014/01/classicos-do-cordel-1-as-grandes.html>

O termo xilogravura, que vem do grego, pode ser traduzido como escrita em madeira, a técnica consiste em esculpir na madeira matriz e imprimir no papel, como um carimbo. A ilustração da capa, juntamente com o título, são os elementos que fazem o leitor decidir se lerá ou não o folheto. A produção de cordéis na Tipografia São Francisco era, obviamente, proporcional a produção de xilogravuras, o que fez com que Juazeiro do Norte se tornasse uma referência na xilogravura.

A década de 1950 foi difícil para as produtoras de cordel por conta de fatores como as políticas desenvolvimentistas do governo Kubitschek e o encarecimento do papel, que acabaram obrigando as editoras a fecharem suas portas. Na década de 70 José Bernardo e sua esposa faleceram, passando a posse da tipografia São Francisco para uma filha (PAIVA, 2011).

O Governo do Estado do Ceará comprou, em 1982, a Tipografia São

Francisco, o maquinário, as xilogravuras e os direitos de publicação de cerca de 300 títulos, a tipografia ficou sob administração da Academia Brasileira de Cordel e passou a se chamar Lira Nordestina. Em 1988 foi firmado um convênio entre a Academia Brasileira de Cordel - ABC, a URCA, a Prefeitura de Juazeiro do Norte e a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará, com o objetivo de criar um centro de literatura de cordel que iria coordenar a pesquisa, produção e divulgação da literatura de cordel na região.

O projeto, no entanto, não obteve sucesso e a Lira Nordestina encontra-se hoje completamente abandonada. Atualmente, grande parte dos folhetos é produzida de forma digital, sendo apenas a impressão da xilogravura feita como no princípio, artesanalmente. Apesar disso, deve-se reconhecer que a Lira Nordestina é representante da relação da cidade de Juazeiro do Norte com a literatura de cordel e ícone da cultura da região do Cariri.

4 Ciência da Informação e Memória

A informação é um importante recurso social, contribui para o desenvolvimento da sociedade, concebendo conhecimento e criando novos horizontes para os usuários. Barreto (1999, p.1) a define como “conjuntos significantes com a competência e a intenção de gerar conhecimento no indivíduo e seu grupo”, assim, a informação é útil ao bem-estar social, quando tem capacidade de promover transformar a consciência do homem e do seu grupo social.

O termo informação tem origem latina, significa dar forma, criar e representa construção de ideias. Pode ser definido de inúmeras maneiras, é usado em várias disciplinas e apresenta várias formas de compreensão, necessitando assim, de estudos aprofundados. Segundo Morin (1991) a informação é um conceito indispensável e problemático, porém não é um conceito elucidado e elucidativo. As muitas definições dadas à informação, nos mostram que os conceitos apresentam lacunas que mostram a necessidade de aprofundamento no assunto.

A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui igualmente sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria - é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores. Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da “entelequia”) e sim inerente a ela, inseparável dela (ZEMAN, 1970, p. 157).

A Ciência da Informação, que surge na conjuntura pós-segunda guerra mundial, onde a informação passa ser vista como força produtiva e não somente como apropriação social (FREIRE, 2006), teve sua concepção na década de 60, a partir de eventos realizados pelo Georgia Institute of Technology, nos Estados Unidos, onde profissionais de diversas áreas do conhecimento promoveram debates a respeito do tratamento da Informação (GARCIA, 2002). A Ciência da Informação subsidia a percepção da informação pela consciência, a fim da geração de conhecimento, segundo Barreto (1998, p.122):

Este é o objetivo da ciência da informação: criar condições para a reunião da informação institucionalizada, sua distribuição adequada para um público que, ao julgar sua relevância, a valorize para uso

com o intuito de semear o desenvolvimento do indivíduo e dos espaços que este habita. Assim, por coerência, o objetivo da pesquisa em ciência da informação é permitir que esse ciclo se complete e se renove infinitamente (informação → conhecimento → desenvolvimento → informação) e, ainda, para que seu direcionamento esteja correto, sua velocidade compatível e seus espaços adequados.

A Ciência da Informação é uma ciência social, visto que se preocupa com a solução de um problema concreto, e é voltada para o ser social que busca informação (LE COADIC, 1996). Ao se compreender a mudança do papel da Informação na vida do indivíduo, vemos como a aplicação e conceitos da Ciência da Informação vêm mudando com a evolução de seus estudos, que a princípio, eram voltados para o gerenciamento de sistemas de informação, passaram a reconhecer o usuário como principal objetivo da criação das estratégias informacionais.

Entendendo a Ciência da Informação como uma ciência social, podemos afirmar que ela não busca apenas o acesso e disseminação da informação, mas também preocupa-se com seu uso pelo indivíduo. A CI é um produto da atividade do homem, é construída por pesquisadores, profissionais, instituições de ensino e fomento, associações profissionais e científicas, Estados e instituições multilaterais. (ALMEIDA, 2005)

Saracevic (1996) a define como uma área que se preocupa com as questões científicas e profissionais, com finalidade de buscar meios de facilitar a comunicação entre o homem em suas diversas necessidades informacionais. O autor considera como características fundamentais da Ciência da Informação: a ligação com as tecnologias da informação; a sua participação na sociedade da informação; e sua interdisciplinaridade.

4.1 A interdisciplinaridade da CI

Na sociedade onde a informação ocupa um lugar de centralidade, a Ciência da Informação se dedica aos eventuais problemas de comunicação entre os registros e os usuários. Como uma disciplina reconhecida recentemente, recebe contribuições de diversas áreas do conhecimento para suas construções teóricas, assim uma de suas características inerentes é interdisciplinaridade, podemos considerar a interdisciplinaridade inerente às ciências humanas e sociais.

A interdisciplinaridade foi introduzida na CI pela própria variedade da formação de todas as pessoas que se ocuparam com os problemas descritos. Entre os pioneiros havia engenheiros, bibliotecários, químicos, linguistas, filósofos, psicólogos, matemáticos, cientistas da computação, homens de negócios e outros vindos de diferentes profissões ou ciências. Certamente, nem todas as disciplinas presentes na formação dessas pessoas tiveram uma contribuição igualmente relevante, mas essa multiplicidade foi responsável pela introdução e permanência do objetivo interdisciplinar na CI (SARACEVIC, 1996, p. 48).

A pesquisa na Ciência da Informação investiga fenômenos informacionais em diversos campos do conhecimento. Essa abertura ao diálogo com outras áreas do conhecimento não enfraquece seu arcabouço teórico, mas pelo contrário, permite a ampliação dos conceitos de seu objeto de estudo.

A Ciência da Informação surge de uma fertilização cruzada de ideias incluindo biblioteconomia, computação, comunicação, psicologia e linguística, visto que essas disciplinas têm a ver com todos os problemas de transferência da informação (FOSKETT, 1980 apud PINHEIRO, 2006). Relaciona-se ainda com áreas como matemática, lógica, administração, sociologia, filosofia, história entre outras.

Cientistas da Informação, entendendo a memória como fonte e representação de informação, têm encontrado nela uma grande contribuição na construção de conhecimento.

A relação que se estabelece entre a memória e a informação, dentro dos processos de pesquisa sistemática, pode ser traçado da seguinte forma: do dado se produz a informação, essa informação quando socializada é incorporada ao discurso de determinada comunidade e, a partir daí, ela passa a ser uma referência para o desenvolvimento desse mesmo grupo. (AZEVEDO NETTO, 2007, p 17).

O ser humano consegue dar significado à informação transformando-a em artefato. Podemos entender artefatos como suportes que transmitem suas memórias, percebendo que esses suportes não representam somente a matéria, mas sim, informação de qualquer natureza que reativem a memória social (AZEVEDO NETTO, 2007).

4.2 Conceitos de memória

A palavra memória que tem origem na Grécia é relacionada com a conservação das lembranças, para os gregos a memória tem uma relação direta

com o divino, já que se refere à Mnemosyne, deusa protetora da memória e do esquecimento.

Consensualmente, a memória é entendida como conservação do conhecimento, história de um indivíduo ou de um povo. Ela atua como arquivamento do passado, produto da história. É conduta da recordação de fatos vivenciados pela sociedade, transmitindo, para o futuro, os valores ou experiências que resultam na consolidação de um grupo, reconhecida como um instrumento de poder, visto que permanece no grupo fundamentando sua identidade. A memória, ao conservar informações, nos remete aos fatos passados ou o que esses fatos representam, tudo nos é pela memória, que nos permite conhecer melhor a realidade.

Se não existe memória sem traços, e, inevitavelmente, esses traços carregam em si informação, é correto afirmar que ambas se completam no sentido de valor social, 'já que a memória é um patrimônio cultural da sociedade, e é a memória – com base em informações - que alimenta a história da nação' (FRAGOSO, p. 16, 2008 apud FRANÇA, 2010).

O termo memória, que envolve várias áreas do conhecimento, nos leva à ideia de história, de tradição de um determinado povo, uma reconstrução dos momentos históricos e da interpretação que se tem dos mesmos.

Podemos entender a memória como um processo de construção da formação da identidade e do imaginário, através das representações e reproduções coletivas. A memória possui função de comunicação entre as gerações, pois realiza a transmissão dos vestígios das sociedades, comporta as manifestações culturais, bem como a forma de agir e pensar de um povo. Para essa comunicação é necessária a inserção da população na realidade social, havendo assim a recuperação e a difusão da informação onde caiba a valorização da memória.

Estudar a memória não é observar uma função mnemônica isolada, mas estudar os meios, os modos, os recursos criados coletivamente no processo de produção e apropriação da cultura (SMOLKA, 2000). A memória não se resume apenas a arquivos representativos do homem; esta faz parte do meio social.

O foco desta pesquisa será a memória coletiva, que para Halbwachs (2006) tem função de formar a identidade de um grupo social, visto que ela representa a projeção do passado de determinado povo. Para o autor:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos

quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, P. 30).

O funcionamento da memória individual não é possível sem palavras e ideias vindas da coletividade. A memória de cada sujeito está ligada de forma inerente à memória dos que convivem com ele, permitindo associações entre a memória pessoal e a memória do grupo, fazendo com que a memória individual transmute para coletiva.

A memória coletiva reflete o passado, a preservação das tradições produzidas pelos indivíduos enquanto memórias pessoais voltadas para a construção e reconstrução da identidade e concretude desses registros. Jacques Le Goff (2000) mostra a memória coletiva como um dos principais locais de luta para a sobrevivência, evolução e desenvolvimento do homem.

As memórias pessoal e coletiva se estreitam e se fundem quando dadas a essas formas de representação, pois se configuram, como memórias sociais, reconhecidas por Halbwachs (2006), como tradições passadas de registros orais e escritos, signos reproduzidos através dos tempos que mantém elos com o passado.

Para a efetivação da memória coletiva, é necessária aproximação e reconhecimento do fato por parte dos atores sociais, as lembranças não são arquivadas se não existe assimilação do significado das experiências. Quando não existe tal assimilação, dá-se o esquecimento.

Os esquecimentos e os silêncios são reveladores mecanismos de manipulação da memória (LE GOFF, 2000). Podemos entender a memória como um lugar de confrontos e disputas sociais, visto que não apresenta uma neutralidade.

Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é, então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra "esquecimento", compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. A presença do esquecimento faz com que o não esqueçamos; mas quando está presente, esquecemo-nos. Não se deverá concluir que o esquecimento, quando o recordamos, está presente na memória, não por si mesmo, mas por uma imagem sua? De fato, se ele estivesse presente por si mesmo, faria com que o não lembrássemos, mas o esquecêssemos. Quem poderá penetrar, quem poderá compreender o modo como isto se realiza? (SANTO

AGOSTINHO, 1980, P. 233)

Esquecimento e memória são indissolúveis, é impossível lembrarmos todos os fatos, o esquecimento é fundamental ao homem, que devido fatores cognitivos e pressões sociais, decide o que deve, ou não ser lembrado. Na tentativa de compreender melhor essa disputa entre silêncio e memória, Pollack (1989) dedicou-se a estudar a privação da memória, que ele denominou como “memória subterrânea”. Para o autor, nenhum grupo social ou instituição é sólida o suficiente para assegurar a preservação de toda a sua memória.

A memória coletiva é construída com base em crenças, costumes e valores, ela é instável, constituída por meio de discursos, os fatos ou sujeitos com menor posição social são tomados pelo esquecimento. Ao buscarmos alguma memória, estaremos trazendo à tona não somente as histórias registradas pela historiografia oficial, mas também o silêncio dos marginalizados.

5 Maria de Araújo na literatura de cordel

Em busca de atender o objetivo dessa pesquisa, que consiste na análise dos cordéis que retratam Maria de Araújo, fez-se um levantamento nas bibliotecas de Juazeiro do Norte que possuem acervo de cordel.

As bibliotecas do Laboratório de Ciência da Informação e Memória da Universidade Federal do Cariri, do Centro Cultural do Banco do Nordeste e do Memorial Padre Cícero, contam com um acervo de cerca de 1.000 exemplares cada uma.

O SESC incentiva a produção de cordéis através do Projeto SESCordel, que publica trabalhos de cordelistas, renomados e iniciantes, com diversas temáticas. A maioria das tiragens é de 1.000 exemplares, após o lançamento, os cordéis publicados são distribuídos em eventos da região e o restante passa a compor o acervo da biblioteca da instituição. Logo, grande parte dos 14.000 exemplares são títulos repetidos dos cordéis lançados pelo SESC.

Devido à grande quantidade de cordéis, não foi possível ter contato direto com o acervo durante a coleta dos dados. Os responsáveis pela biblioteca da instituição disponibilizaram um exemplar de cada título, não tendo o número exato da quantidade de exemplares de cada título.

No Memorial Padre Cícero foram selecionados 38 títulos, no Laboratório de Ciência da Informação e Memória, 22 títulos, apenas cinco títulos no SESC e quatro títulos no Centro Cultural do Banco do Nordeste. 26 títulos foram encontrados em mais de uma biblioteca.

Foram selecionados para uma primeira leitura todos os cordéis que, de alguma forma, abordassem a história da cidade de Juazeiro do Norte e de suas personalidades. Foram identificados 43 cordéis que mencionam Maria de Araújo para compor essa pesquisa.

Alguns cordéis serão aqui apresentados na íntegra, outros trazem apenas o(s) verso(s) onde Maria de Araújo é retratada. Grande parte dos títulos não apresenta data de publicação, assim, para a realização da leitura flutuante, os cordéis foram organizados seguindo ordem alfabética de título. 22 dos 43 cordéis selecionados para essa pesquisa integram a Coleção Centenário, lançada em 2012, em comemoração ao centenário de emancipação política de Juazeiro do Norte ocorrido em 2011. A coleção é composta por 100 cordéis, 50 clássicos e 50 contemporâneos,

porém todos são datados de 2012, ano da publicação.

O quadro a seguir mostra os títulos dos cordéis selecionados e as bibliotecas onde foram localizados, conforme consta, vários títulos foram identificados em mais de uma biblioteca:

Quadro 01: Cordéis disponíveis em Juazeiro do Norte que mencionam Maria de Araújo

Título	Biblioteca
A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro	SESC
A hóstia que virou sangue na comunhão da Beata	MPC
A vida do Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro	MPC
A vida, os milagres e canonização do Padre Cícero	MPC
Centenário de Juazeiro do Norte	MPC – LACIM
Conheça o Juazeiro	MPC – LACIM
Cordel mulher: retratos de Maria	SESC
Em defesa de Juazeiro	MPC – LACIM
Fatos e invenções de Juazeiro centenário	MPC – LACIM
José Marrocos: um mártir do milagre	MPC – LACIM
Juazeiro centenário	MPC – LACIM
Juazeiro centenário: pautado na fé, modelado no trabalho	MPC – LACIM
Juazeiro centenário da fé	MPC – LACIM
Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé	MPC – LACIM
Juazeiro do Padre Cícero	MPC - CCBNB
Juazeiro do Padre Cícero	MPC
Juazeiro primitivo	MPC – LACIM
Lágrimas do último adeus	MPC – LACIM
Mais de cem anos de romaria em Juazeiro do Norte	MPC - CCBNB
Maria de Araújo e seu lugar na história ou A Beata beat cult	SESC - CCBNB
Marrocos na história do Juazeiro	MPC – LACIM
Memórias e fatos religiosos	SESC
Meu padim, 150 anos ao lado do romeiro	MPC
Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo	MPC – LACIM
Milagre na cidade santa	LACIM
Nascimento, vida e a morte do Padre Cícero Romão Batista	MPC
O filme do Padre Cícero	MPC

O Juazeiro e o Padre Cícero Romão	MPC
O milagre de Juazeiro	MPC
O milagre do século	MPC - SESC
O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte	MPC
O santo de Juazeiro	MPC – LACIM
Os milagres de Juazeiro	MPC - LACIM
Os três maiores momentos da história do Juazeiro – a chegada do Padre Cícero, o milagre e emancipação política	MPC – LACIM
O Padre Cícero e a vampira	MPC – LACIM
Padre Cícero e Juazeiro de ontem e hoje	MPC
Padre Cícero e o Juazeiro	MPC - CCBNB
Padre Cícero pelos caminhos da verdade	MPC – LACIM
Padre Cícero Romão: o apóstolo do nordeste	MPC
Recortes de nossa história	MPC – LACIM
Romaria	MPC – LACIM
Tributo à Maria de Araújo	MPC
Visitando Juazeiro	MPC – LACIM

Fonte: Elaborado pelo autor

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo foi realizada a leitura flutuante dos 43 títulos, com o objetivo de categorizar os cordéis de acordo com seu principal assunto. Os títulos foram divididos em categorias e subcategorias selecionadas anteriormente à análise.

A primeira categoria é composta de cordéis que narram a história de Juazeiro do Norte, de seus fatos e personagens. A primeira subcategoria tem como foco a biografia de Maria de Araújo, a segunda tem como assunto principal o milagre protagonizado por Maria, a terceira subcategoria narra a história de Juazeiro do Norte. Na quarta, os títulos que biografam Padre Cícero, e na última subcategoria, os cordéis que narram a vida de outras figuras importantes na história da cidade.

A segunda categoria, dos cordéis de caráter não-histórico-biográfico, é composta por apenas dois títulos, um que aborda a questão da mulher e seu papel na sociedade, narrando brevemente a história de várias mulheres, e outro cordel que se trata de uma ficção ambientada em Juazeiro do Norte.

Quadro 02: Categorias e subcategorias dos cordéis selecionados

Cordéis de caráter histórico-biográfico: (42 cordéis)	Cordéis que falam da Beata (3 cordéis)
	Cordéis que falam do milagre (5 cordéis)
	Cordéis que falam de Juazeiro do Norte (20 cordéis)
	Cordéis que falam de Padre Cícero (11 cordéis)
	Cordéis que falam sobre outras personalidades de Juazeiro do Norte (3 cordéis)
Cordéis de caráter não-histórico-biográfico: (2 cordéis)	

Fonte: Elaborado pelo autor

A seguir serão apresentados os cordéis, e após cada subcategoria, apresentar-se-á a análise.

Quadro 03: Cordéis que falam da Beata

	Título	Autor	Trecho
1	A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro	Hamurábi Batista	“1863 Foi ano no qual nasceu No povoado de Joaseiro Onde também lá cresceu E com os serviços domésticos Do ganho sobreviveu Engomou e lavou roupa Também tecia e fiava Das bonequinhos de pano Vendia as que costurava Trabalhando em olaria Os tijolos carregava Quando não tava na lida Dedicava-se à oração Se não fosse na capela Era em casa, como não? E enquanto não orava O trabalho era a missão Em 1872

		O padrim recém-chegado Começou a observar O povo todo ajuntado Quanto à sua vocação Pra ser identificado
--	--	---

		Percebendo as virtudes Pela sua intuição Padre Cícero à Maria Deu a grande sugestão De consagrar-se a Jesus Em labor e devoção
--	--	---

		Em 1873 Fez primeira comunhão Encaminhada ao Crato Por Padre Cícero Romão Pra que lá se efetivasse A dita celebração
--	--	---

		Durante 6 anos Maria foi reservada Ao ritual de ascese Tranquila bem devotada E em 1880 De novo foi avistada
--	--	---

		Desde pequena ela tinha Uma visão maravilhosa Duma criança sagrada Muito terna e dadivosa E de um santo padrinho Numa terra milagrosa
--	--	--

		As visões eram frequentes Devido a sua oração Sempre a ver Nossa Senhora E o Sagrado Coração Acompanhada de perto De Padre Cícero Romão
--	--	--

		Consagrada a Jesus Cristo Em consorcio espiritual A sua vida devota Seu fervor angelical Suas frequentes visões Do mundo paranormal
--	--	--

		Numa delas, Joaseiro Onde nasceu e residia
--	--	---

		Em breve seria santo E uma graça alcançaria Pra ser a porta do céu E a gente se salvaria
--	--	---

-1883

Um estigma lhe nasceu
Em forma de cruz no peito
E o sangue dele verteu
À vida de penitência
Ela então se converteu

-1884

Foi então acometida
De vários êxtases longos
Que marcaram sua vida
Por várias horas passava
Em transe, introvertida

Naquele ano inclusive
Senhor bispo abençoou
A capela construída
Como assim ratificou:
Nossa senhora das dores
Em nome lhe consagrou

Padre Ciço comovido
Em prol da comunidade
Organizou o serviço
De fé e com piedade
Em mulheres consagradas
À vida de castidade

-1885

Padre Ciço organizou
Um retiro espiritual
E assim formalizou
O serviço das Beatas
À missão consagrou

No início daquele ano
Os estigmas da paixão
Apareceram em Maria
Como a crucificação
As mão e pés cravejados
Em êxtase de oração

Quando chegou a quaresma
O peito cicatrizou
Aquele marca de cruz

E a lança onde furou
Pois sendo assim, a Beata
Mais santa se consagrou

Entre cinco até seis horas
O sangue nela exsudava
Quando em estado de êxtase
Muita dor experimentava
E o fenômeno tantas vezes
Nela se manifestava

E no ano de 89
Salvo engano, se escreveu
No decorrer da quaresma
O fenômeno aconteceu
A hóstia virou sangue
E outras vezes sucedeu

Durante aquela quaresma
Todo dia acontecendo
Na comunhão da Beata
Quarenta vezes vertendo
Em sangue a hóstia sagrada
Na se convertendo

Enxugadas eram em panos
As hóstias ensanguentadas
Quando pois bem recolhidas
Como as amostras sagradas
Da comunhão do divino
Com almas purificadas

E então no mês de agosto
Veio a peregrinação
À frente Monsenhor Monteiro
Pra fazer adoração
Cerca de 3 mil pessoas
Naquela consagração

A maioria do Crato
Para ver, peregrinaram
O milagre da Beata
Como assim presenciaram
E como ao sangue de cristo
Todos ali adoraram

A Beata não queria
Tamanha publicidade
O fenômeno acontecia
Espontâneo, era verdade

Fruto sobrenatural
De fervor, e caridade

Pretendeu, incomodada
Suspender sua comunhão
Para acalmar os apelos
Daquela população
Que invadia curiosa
Seu momento de oração

Quando viu Nossa Senhora
Numa missão revelada
A pedir que continuasse
Como fazia calada
Era então a sua fé
Aos poucos sendo moldada

-1889
Nossa Senhora apareceu
A Maria de Araújo
E a esta lhe prescreveu
15 estações ao Sagrado
Com rezas que elegeu

Com Pai Nosso e Ave Maria
Depois de cada estação
Jesus cristo aparecia
À Maria em sua visão
Todo coberto de sangue
Na hora da expiação

A comunhão da Beata Maria
Pelo Cristo efetuada
Num cálice todo em ouro
Como assim foi revelada
Na sua visão divina
Sua cabeça banhada

Ensopou sua cabeça
Aquele sangue aspergido
E todos viram seu véu
Daquele sangue embebido
Testificando o milagre
Ao povo já comovido

Nas visões que ele tinha
Jesus cristo lhe informava
Escolhido Joaseiro
Para plano que traçava
E à devoção insistente

A todos recomendava

Pra resguardá-la do assédio
Dos devotos visitantes
Que chegavam ao povoado
Dos lugares mais distantes
Para o “sangue precioso”
Curiosos, e confiantes

Padre Cícero a levou
À sua casa morar
O bispo Dom Joaquim
Começou a provocar
E a grande perseguição
Haveria ainda por lá

-1890

Raptaram-na pro Crato
E numa carta restrita
Comunicaram o mandato
Confiscaram as toalhas
Daquele sangue exsudado

Pois então naquele ano
Mais fenômenos sucediam
As coroas de espinho
Em mistério apareciam
As marcas nela deixadas
Os curas não entendiam

Quando o monsenhor Monteiro
Participa uma oração
Ela cai em grande êxtase
Com o crucifixo na mão
E este sangue bastante
Sem qualquer explicação

O fenômeno repetido
Vez por outra apresentada
A cruz sangrenta surgia
Mesmo quando vigiada
A Beata prisioneira
Por ser pura e consagrada

Naquele ano, em maio
Ela teve outra visão
Com o crucifixo sangrando
Como sempre em sua mão
Para mostrar para o bispo
O fenômeno em questão

Durante o mês de novembro
Os fatos deram sequência
Quando monsenhor Monteiro
Lhe pediu com insistência
Que alcançasse uma graça
Da divina providência

Como num teste ordenado
Por aquela inquisição
Entregou para a Beata
Um crucifixo, e então
Ao recebe-lo em êxtase
Ele sangrou na sua mão

O fenômeno dos estigmas
Várias vezes, repetidos
mencionado em atestados
De doutores conhecidos
Comprovando ser verdade
Todos tais acontecidos

Em dezembro novamente
O crucifixo sangrou
Diante ao Padre Quintino
Que com lenços enxugou
O fenômeno inexplicável
E no inquérito arrolou

Várias vezes repetiu
O sangue do crucifixo
Do jeito que a gente viu
Como ficou comprovado
E a Diocese inquiriu

E em 14 de março
Transformou-se em coração
Quando dia 25
Em carne fez transfusão
E em sangue novamente
Quinta-feira da paixão

Emitidos atestados
Pra o teor comprovar
Novamente dia 30
Outro Padre ministrar
A comunhão da Beata
E a hóstia volta a jorrar

E em transe ela apresenta

		Os estigmas da paixão Tantas repetidas vezes Foi feita comprovação Pois a hóstia consagrada Sofria transformação
--	--	---

		O sangrar do crucifixo Aconteceu com insistência A Beata Leopoldina Viu na sua residência Um crucifixo sangrando Na hora da penitência
--	--	---

		Na casa de Padre Cícero Também se presenciou Referido sangramento E ali verificou Só mesmo sendo milagre Explicação não achou
--	--	--

		A hóstia virou em sangue Em carne foi transformada A notícia se espalhou E a Beata foi torturada Pra revelar o mistério Sofrendo palmatorada
--	--	---

		E tantas vezes quiseram Fazer o teste, inquirir Quantas vezes o fenômeno Tornaria a repetir Quantos atestados médicos Fizeram-se redigir
--	--	---

		Não é sabido o motivo De tamanha objeção Daquele bispo da Igreja Diante a comprovação De repetidos fenômenos Sem embuste ou explicação
--	--	---

		A política dominante Na Igreja inquiridora Julgava que a Beata Não fosse merecedora Submetendo-a torturas De forma avassaladora
--	--	--

		Por ser pobre, a Beata Ser negra e nordestina
--	--	--

Por não vir lá da Europa
E não ter a pele fina
Revelou dos poderosos
O preconceito e a ruína

Quanto mais batiam nela
E impunham tanto sofrer
O fenômeno em sua vida
Mais fazia aparecer
Praguejavam, maldiziam
Não conseguiam entender

O bispo Dom Joaquim
Publicou sua pastoral
No anos 93
O fenômeno do sangue
Como embuste material

Dizendo ser enganoso
Todo e qualquer atestado
Enganoso o documento
Redigido e comprovado
E qualquer um parecer
Fosse desconsiderado

E pelo bispo Primaz
Dom Jerônimo da Bahia
O Dom Joaquim no ato
À Mônaco remeteria
Os inquéritos editados
Do jeito que pretendia

Ele ordenou à Beata
O total isolamento
Não tendo mais liberdade
Sem o seu consentimento
Ou perderia o seu hábito
Privada do sacramentado

Proibiu as medalhinhas
Do Padrim e da Beata
E também a qualquer culto
Confissão ou passeata
Só poderia ser feito
Se estivesse em sua ata

Em Joaseiro, Maria
Há pouco tinha perdido
A genitora querida
Por haver falecido

E criava os irmãozinhos
Como havia se incumbido

O vigário Alexandrino
Quem vigiava Maria
Acompanhava seus passos
E tudo que ele fazia
Depois corria pro Bispo
E tudo a ele dizia

No ano 94
O “Santo Ofício” enviou
O decreto e a punição
Que o cardeal assinou
Contra o Padrim e a Beata
E a diocese acatou

Dom Joaquim então publica
Sua pastoral segunda,
Transcrevendo a decisão
Lá de Roma oriunda
Ordenando o resultado
De amarga profunda:

Não houvesse mais romarias;
Escritos fossem queimados ;
Não fossem feitas promessas;
E na capela vetados
As celebrações, os cultos
Que eram antes listados

O bispo dom Joaquim
A mando da inquisição
Proibiu a romaria
Julgando superstição
Não fossem feitas promessas
Ou qualquer celebração

E a capela das Dores,
Teve seu portal fechado
Pelo julgo petulante
Da inquisição, contratado
E um complô diabólico
De bispos foi orquestrado

Dom Araújo da Paraíba
E dom Manoel de Olinda
Aderiram à proibição
Que lá de Roma era vinda
Contra os fatos do Joaseiro

		Acontecidos ainda A intenção de provocar Da Beata o esquecimento De impedir a ascensão Do Padre Ciço advento O bispo dom Joaquim Não disfarçou seu intento Proibiu o Padre Cícero E o seu clero aliado De fazer algum contato Com o pessoal arrolado No processo inquiridor Que em Roma foi aprovado Joaseiro e vizinhança Possuíam proibição Aos padres quaisquer amigos De Padre Ciço Romão De ministrar sacramento E qualquer celebração O vigário Alexandrino Pelos mandos recebidos Convocou as seis Beatas A fazerem desmentidos Do fenômeno milagroso E dos fatos ocorridos Contra elas ameaças De serem todas punidas Se recusassem tal ordem, Rejeitadas, desvallidas, Restando excomunhão Seriam então excluídas Seguimentos da Igreja Fomentaram a imposição Da honestidade aos fatos Ocorridos, em questão E conseguiram o apoio Do bispo do Maranhão Foram todas proibidas De receber sacramento As Beatas mencionadas Por aquele documento E Maria de Araújo Foi presa pra seu tormento
--	--	---

Novamente em Barbalha
Na casa da caridade
A Beata adoecida
Privada da liberdade
Continuou com a sina
De tanta dificuldade

E o povo do Joaseiro
Contra a Igreja fez boicote
Não quis mais confessionário
Não seguiu ao seu agote
E venerava a Beata
E adorava o seu dote

Dom Joaquim mais uma vez
Fez a ratificação
Exigindo a Padre Cícero
A sua retratação
Que condenasse o milagre
Fazendo publicação

Novamente dom Joaquim
Exige um desmentido
A respeito do fenômeno
Tantas vezes ocorrido
E o vigário Alexandrino
A pau mandado, de ouvido

Enquanto isso romarias
Não deixavam de haver
Regulares motivadas
Para quem pudesse crer
Que o fenômeno era milagre
E continuava a acontecer

No ano 95
Saiu do cárcere, Maria
Proibida, excomungada,
Pela tirania apatia
Do seu cargo, exonerada
Como o tal bispo queria

Novamente o Padre Cícero
Abrigou-a, acolheu,
Pela sua integridade
Refletiu, se precaveu
Pensando na sua saúde
E na fúria do fariseu

No ano 96
Dom Joaquim contrariava
Os abaixo assinados
Que o povo lhe enviava
E impedindo o Padre Cícero
O bispo pronunciava

Determinou o algoz
A total proibição
Em algum lugar que fosse
Ou qualquer celebração
Só restando ao Padre Cícero
Sua total exclusão

O vigário Alexandrino
Pela Igreja agraciado
De camareiro secreto
Pelo Papa nomeado;
O título de Monsenhor
A ele foi outorgado

No ano 98
Prosseguiu a discussão
Padre Cícero ameaçado
De obter excomunhão
Fez viagem ao Vaticano
Para ver a sua questão

A Igreja decidiu
E depois determinou
O silêncio da Beata
Sobre tudo que passou
Que ficasse confinada
E assim se realizou

A saúde de Maria
Gerava especulação
Uns diziam que era louca
Ou doente do pulmão
Tuberculosa, demente,
Com alguma ulceração

Ao contrário, os documentos
Que a inquisição produziu,
Comprovaram na Beata
Mas algum nunca existiu
Provocando aquele sangue
No mistério que surgiu

Mesmo assim os inimigos

			Do povoado emergente Trataram de utilizar Propaganda diferente Pra impedir o progresso Daquele povo carente Não lograram tal intento, O povoado cresceu Impôs respeito, progresso, Num pólo se converteu E no auge da disputa A Beata faleceu Joaseiro fortalecido À força, se emancipou Novecentos e cartoze Quando a guerra estrondou Maria desfalecida Na lápide repousou Na Capela do Socorro Maria foi sepultada E em 1930 Sua urna foi violada Retirada lá de dentro E em outro canto enterrada Fica a história escrita Propaganda no cordel O milagre da Beata De Padre Cícero o papel De anunciar Joaseiro Como as portas do céu
2	Maria de Araújo e seu lugar na história ou A Beata beat cult	Salete Maria da Silva	Maria de Araújo Beata, pobre, iletrada Desse enredo não fujo Que história mal contada! Ela não foi figurante Era estrela fulgurante! Da hóstia ensanguentada E pra fazer este verso Este texto teatral Onde o fato controverso Merece atenção total Eu li Do Carmo Forti Playboy, Bataille e gibi Cordel, cartilha e jornal

Nesta ficção real
Dou voz a um narrador
A minha avó sou leal
Pois foi ela quem contou
Como era o Juazeiro
Naquele tempo primeiro
Quando tudo começou

Dou voz a pesquisadora
E vou chamá-la de P
De N a narradora
E minha vó vai ser V
Se MANO se interessar
E quiser dramatizar
Esse cordel vai render...

Enquanto eles se ajeitam
E fazem a maquiagem
Aqui vocês se sujeitam
A me ouvir falar bobagem
Eu digo que este cordel
Só cumprirá seu papel
Se for sentida a mensagem)

N:
Baixinha, negra e mouca
Casta, cambota e silente
Considerada “a louca”
Devota e penitente
Mulher sozinha no mundo
Só lhe restava, no fundo,
Achar que não era gente

P:
Vivendo num ambiente
Onde a religião
Era um forte componente
Para sua formação
Sem qualquer perspectiva
Sem pai, sem mãe, à deriva
Vivia em oração

N:
Obediente e prendada
Servia ao sacerdote
Vivia como agregada
Em Juazeiro do Norte
Na casa do Padim Ciço
Jovem, ainda no viço

		Pranteava sua sorte P: Dizem que foi artesã De muita habilidade Contudo não era sã Sofria de enfermidade Espasmos, melancolia Perturbação, anemia Foi sua realidade N: Muitas vezes recebia Certas manifestações Cristo e a Virgem Maria Em muitas ocasiões Surgiram na frente dela Na camarinha a donzela Via tias aparições N: Às vezes não entendia Chegou a se rebelar O Padre Ciço dizia: Maria vá comungar Orava com muita fé Aquele simples mulher Cuja história vou contar P: Com nove anos de idade Ficou sozinha na terra Viveu sua mocidade Ali pertinho da serra Da Chapada do Araripe Porém nunca andou de jipe Mas soube onde o bode berra N: Tinha suas turbulências Seus agitos buliçosos Ouvia maledicências Dos 'espritos' invejosos O seu corpo tumefacto Fazia lembrar um cacto Daqueles mais escabrosos N: Recebia muito insight Muita sincronicidade
--	--	---

Às vezes dentro da night
Clamava por piedade
Era um ser especial
Etecetra e coisa e tal
Dentro daquela cidade

P:
Isto já era comum
E o Padre aconselhava
A que fizesse jejum
E água benta lhe dava
Ela a Jesus se entregou
Por esposo ela o tomou
E já não se lamentava

N:
Como ela, outras Beatas
Viviam desse fervor
Eram todas celibatas
Sublimavam seu amor
Moral e religião
Para evitar que o cão
Atentasse a vida em flor

N:
Assim o tempo corria
Nas terras do Juazeiro
O cenário que havia
Chamavam de tabuleiro
Mandacaru, xiquexique
Casinhas de pau-a-pique
Muita novena e romeiro

V:
Muita vela e lamparina
Muita cabaça e quartinha
Donzelas e vitalinas
Muita cumade e madinha
Menino tinha em magote
Na feira vendiam pote
Mii e saca de farinha

V:
Jumento pra todo lado
Chapéu, arreio e gibão
Um coronel potentado
Uma cúia de algodão
Uma muié dando a luz
Fazendo o sinal da cruz
Parindo mais um cristão

V:
A vida ali era assim
No mei dos pé de Juá
Celebrava meu padim
E as Beata a rezar
Às veiz uma desavença
Dispois uma penitença
E tudo vortava ao normá

P:
Até que chegou o dia
Da dita transformação
Na hora da eucaristia
No meio da multidão
A hóstia ensanguentada
A besta extasiada
Deu-se o 'milagre' então

N:
A partir deste instante
O Padre é taumaturgo
Fanatismo militante
Do bispo veio o expurgo
Maria não é ouvida
Chega a ser preterida
No famigerado burgo

P:
Volúpia religiosa?
Nirvana espiritual?
Orgia miraculosa?
Gozo uxório-marginal?
Ápice-leigo-evangelista?
Fetichismo-romão-batista?
Ou menstruação bucal?

N:
Tantas interrogações
Nas mentes episcopais
Em suas lucubrações
Se masturbavam os tais
Hereges e dogmáticos
Abutres neo-carismáticos
Médicos e maiores

P:
Investigação ferrenha
Sindicante apuração
Neste fogo muita lenha

Botava o bispo então
Para provar o engodo
Chafurdava ele no lodo
Do sangue da comunhão

P:
O alvo era o vigário
Que ganhava posição
Com aquele relicário
De grande repercussão
O poder ameaçado
O bispo horrorizado
Queria a tal suspensão

N:
E assim tudo se deu
O Padre foi impedido
A Igreja entendeu
Que aquilo era um perigo
Mas a Beata coitada
Já andava acabrunhada
Longe do seu velho abrigo

V:
Levarão ela pro Crato
Pra casa de Caridade
Inzagerão no ato
Num tinha nicissidade
Improibiro de falá
Vivia a pobe a orá
Foi grande a iniquidade

P:
Deixaram ela reclusa
(prisão domiciliar)
Que história obtusa
Não podemos aceitar
A Beata inconsolada
Sofria, ali calada
À revelia, a penar

N:
Um tribunal de exceção
Um caça à bruxa devota
Vejam que situação
O Padre era poliglota
Ela, coitada, nem lia
Tampouco ela sabia
Que o poder tudo esgota

N:
Desde então deprimida
Orava, orava e orava
Assim findava a vida
Tristonha, muda, calada
Depois que foi sepultada
Cova vilipendiada!
Pra não lembrarem de nada

P:
Representava ameaça
A quem detinha o poder
Viveu para ser a caça
Nada mais podia ser
A hóstia não foi em vão
Vide a Meca do Sertão
Muito tem a nos dizer

N:
Rua Beata Maria
Num dos bairros populares
Quanta glória e honraria!
Nem andor e nem altares!
O teu lugar na história
Que perecível memória!
Não coube em nossos lares

N:
O teu bendito Beata
Belisca a hóstia de trigo
Teu sangue no pano-ata
Faz medo qual papa-figo
A tua beatitude
De pé rachado e rude
Tá no meu sangue e não digo

V:
Num digo que sou Beata
Num digo que eu sou tu
Mas digo que tu faz farta
Quando tempero o angu
Pru que eu sinto o sabô
Da hóstia que dismanchô
Do pão que tu comeu cru

N:
Eu faço um falso bendito
Uma cantiga enjoada
Enquanto faço acredito
A vida é uma embolada

Quantas Beatas-maria
Eu vejo aqui hoje em dia
Mudando a história contada

Todos: (ritmo de embolada)

Eu bato o pé e beato
Beato batendo o pé
Batendo o pé eu desato
No ato eu boto fé
Me bato em penitência
Punindo a história pensa
Que torta quebra meu pé

Batendo palma beato
Batendo bolo também
Batendo pano no ato
Batendo roupa e xerém
Beato meu beabá
Beato até bodejá
Beato como ninguém

Beato e bato punheta
Bato baralho e beato
Beato e bato marreta
Bato carteira e beato
Bato sentado e em pé
Porém não bato em muié
Nem bato meu pau no gato

Beato e bato uma bola
Bato as asas e beato
Beato e vou a escola
Construo casa e beato
Beato pedindo esmola
Beato e bato a cachola
Beato e tiro retrato

(Ritmo de Bendito)

Beata, a ata, Beata
Desata a ata Beata
Beata, beá, Beata
Bata Beata a bata
E bata Beata a ata
Beata ata e bata
Beata ata e teatra!

Teatra a ata Beata
Desata a ata e bata

		Beata a bata Beata Bata Beata a bata E bata a ata Beata Beata bea Beata Teatra, Beata e ata!
3	Tributo à Maria de Araújo	“Uma santa esquecida Eu, saúdo, Maria de Araújo, a Beata, É ela, uma santa da história, esquecida Pois, mesmo sendo o ponto de partida Vi que a história oficial, pouco relata A data em que Maria foi nascida Muito pouco se fala nessa data. A arte da terra pouco lhe retrata Do povão ainda é pouco conhecida. Desde criança a Jesus, se consagrou Por muitos êxtases, ela passou. E será que ainda existirá quem mangue? Dessa santa, que a fé não era pouca E que haveria de na sua boca Um hóstia, um dia transformar-se em sangue. Nascimento Mil oitocentos e sessenta e três, Vinte e quatro de maio, daquele ano, Nasceu Maria, grande ser humano A filha de um pobre e de escura tez. Comunhão primeira, aos nove anos fez Entregando a cristo, todo o seu plano No seu coração não havia engano, Maio, mês das flores, também era o seu mês. Teve uma vida de simplicidade. Cheios de purezas e dignidade Foram suas noites e os dias seus. Como veria muitos corações Quando criança, já tinha visões Que brincava com o menino deus. Os estigmas da crucificação

Via-se sangue em sua testa a sair
Era como uma coroa de espinhos
Comprovando de cristo os seus
caminhos
Uma chaga no seu peito se abrir.

Em cada mão, como cravo surgir,
Que viam os de fora e os seus vizinhos
Como se de sangue fossem pinguinhos
Que de suas mãos quisessem pois cair.

Como no santo, Francisco de Assis.
Cá no nordeste do nosso país
Daquelas chagas, a repetição.

Em mil oitocentos e oitenta e cinco
Repetia-se aqui, o mesmo vinco
Dos estigmas da crucificação.

O milagre

Aconteceu pela primeira vez,
No romper de um dia de oitenta e nove
Lá o fim do século dezenove
Seta de março, primeiro do mês.

Grande prodígio, nosso senhor fez
Nesse momento, Maria se move,
Acontece o milagre que comove
E que ultrapassou as naturais leis

A hóstia em sangue vivo, se
transformou
Para veracidade continuou
Diante a cidadãos e camponeses.

Para tirar dúvidas de quem viu
Aquele milagre se repetiu
Com a Beata, noventa e duas vezes.

As duas comissões

A Beata, foi sim, averiguada
Sob os olhos de duas comissões,
A primeira, afirmou revelações
E o milagre na hóstia consagrada.

A segunda chegou muito vexada
Foi contrária, em suas opiniões

Castigando a santa com reclusões
A Beata, foi mesmo torturada.

A primeira, o milagre confirmou
A segunda, o milagre reprovou
Que causou um problema tão imenso!

Que a Beata, foi logo repreendida,
Pra cidade do Crato, recolhida
E o Padre Cícero, de ordens,
suspense.

O bispo

O bispo: Dom Joaquim José Vieira,
Maltratou a Beata duramente
Foi com Maria, carrasco e inclemente
Classificando-a de impura e
embusteira.

Mais e mais expressão muito grosseira
Que Maria tornou-se tão doente!
E passou a sofrer daí pra frente
Como a pobre Joana D'arc, na
fogueira.

De palmatória apanhou muitas vezes,
Enclausurada foi diversos meses,
Como se fosse ela uma criminosa.

Não suportando tanto sofrimento
Morreu Maria! E o seu falecimento
Deixou muita gente, aqui, pesarosa.

Data da morte da Beata

Morreu a dezessete de janeiro
Mil novecentos e catorze, a data
Aquela grande vidente, mulata
Que atraiu multidões para juazeiro.

Padre Cícero, mandou o coveiro
Cavar um sepulcro para a Beata
Na capela do socorro - se trata
Pois, de um vulto histórico e
verdadeiro.

Seu túmulo, depois foi violado
O que havia do corpo ali ficado
Desapareceu misteriosamente.

			Pergunta-se, mas, ninguém não responde Até hoje, ninguém sabe para onde Carregaram os restos da vidente. Pós-morte Até depois de morte, foi Maria Vítima do ódio e da inveja incontida, Na própria sepultura perseguida Onde descansar ali deveria Alguém quebrando o silêncio que havia De quem tão santa foi, durante a vida A julgando talvez imerecida Brutamente a tirou de onde jazia E continua negada a hospedagem Até mesmo em uma justa homenagem De uma placa de bronze em honra dela. Pela casa do povo, lhe ofertada Onde era seu túmulo foi botada Não por dentro, por fora da capela.”
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

No cordel “A história da Beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro” são exaltadas as origens humildes de Maria de Araújo, bem como sua vocação religiosa, logo notada pelo Padre Cícero ao chegar ao Juazeiro. É relatado que Maria trabalhava como empregada doméstica, artesã, operária em olaria, e quando não estava trabalhando, se ocupava com orações. Tendo visões de Nossa Senhora e do Sagrado Coração e recebendo os estigmas da Paixão, decide a Beata dedicar-se à uma vida de penitência, já anunciando a suposta santidade, confirmada ao passo do milagre. O autor relata a vida de Maria com detalhes, como o intervalo de seis anos entre sua primeira comunhão e as primeiras visões. Afirma que Maria tinha êxtases, passava horas em transe mesmo antes do milagre, e o fenômeno lhe trazia dor. Relata que Maria sentia-se incomodada com a repercussão do milagre e por vezes deixou de receber a comunhão para não chamar atenção, porém suas visões pediam que ela continuasse calada com sua missão. Conta que Maria morou na casa de Cícero e que logo após o milagre foi raptada, porém mesmo reclusa, ela

continuava a receber os estigmas.

O poeta deixa claro que a Igreja teve “A intenção de provocar/ Da Beata o esquecimento”, quando menciona que Igreja proibiu a comercialização das medalhas com a efígie de Maria e a realização de romarias, promessas e qualquer culto relacionado a ela, ordenou também que todos os escritos fossem queimados e Maria fosse submetida à torturas avassaladoras e ao total isolamento. Afirma também que a saúde frágil Maria gerava especulação. Para o poeta, o esquecimento de Maria deu-se devido ao preconceito: “Por ser pobre, a Beata/ Ser negra e nordestina/ Por não vir lá da Europa/ E não ter a pele fina”. Maria de Araújo é apresentada no texto como a única responsável pelo suposto milagre, não sendo o Padre Cícero relacionado ao fato em si, cabendo ao sacerdote apenas o papel de anunciar o Juazeiro “como as portas do céu”.

“Maria de Araújo e seu lugar na história ou A Beata beat cult” trata-se de uma narrativa semelhante ao texto teatral, com falas de diversos personagens bem demarcadas. Segundo a autora, a história da Beata foi “mal contada” pelo fato de Maria não ter sido tratada como “estrela fulgurante/ da hóstia ensanguentada”. Ressalta a vida difícil de Maria de Araújo, negra, pobre, analfabeta e órfã ainda jovem, ao mesmo tempo em que narra como era a vida em Juazeiro durante aquele tempo. Afirma que Maria sofria de espasmos, melancolia, perturbação e anemia, que era “Baixinha, negra e mouca/ Casta, cambota e silente” e por não ter família, lhe restava “achar que não era gente”. Cita as aparições de Nossa Senhora, a acolhida por parte do Padre Cícero Romão, e que, apesar de obediente, por um momento, chegou a se rebelar por não compreender a situação do milagre. Menciona o recolhimento e silêncio de Maria. À Beata é atribuído o milagre, porém, o texto deixa implícito Cícero ter sido mais visado durante o processo, tanto por parte da Igreja Católica em sua retaliação, quanto por parte da população devota. Afirma que Maria não tem lugar na história, sua “Perecível memória/ Não coube em nossos lares” e que não se pode aceitar essa versão oficial da história de Juazeiro do Norte. Nos versos “Quantas Beatas-Maria/ Eu vejo aqui hoje em dia/ Mudando a história contada”, a autora mostra que Maria de Araújo não pôde controlar o que acontecia e decidir o rumo de sua vida por conta do contexto patriarcal da época, onde a mulher era submissa ao homem, mas que nos dias atuais, a mulher tem mais autonomia e independência.

“Tributo à Maria de Araújo” narra a vida da Beata desde seu nascimento, ressaltando suas raízes humildes, sua precoce vocação religiosa e visões desde a infância. Logo no início afirma que Maria é o ponto de partida da história de Juazeiro, porém foi excluída desta. Coloca-a também na posição de escolhida de Deus, pois recebeu as chagas de Cristo, da mesma forma que São Francisco de Assis. Afirma que o milagre se repetiu 92 vezes e menciona os castigos e clausura impostos à Maria de Araújo. Maria é vista como a protagonista do milagre de Juazeiro e precursora das romarias, não sendo sequer o Padre Cícero citado nesta parte do cordel. Assim sendo, é ela também o alvo principal das retaliações da Igreja, o que, para o autor, a faria uma mártir, comparável à Joana d'Arc e, por conseguinte, responsável pelas grandes romarias ao Juazeiro. Fala sobre a violação do túmulo e afirma que, mesmo depois de morta, Maria foi perseguida e onde estavam sepultados seus restos mortais existe apenas uma placa na parte externa da capela.

Quadro 04: Cordéis que falam do milagre

	Título	Autor	Trecho
4	A hóstia que virou sangue na comunhão da Beata	Pedro Bandeira	“Quero falar de um mistério Que já se encontra em ata Do “milagre do Juazeiro” Dia certo e hora exata; Para quem mangou não manguie Da hóstia que virou sangue Na comunhão da Beata Foi no dia seis de março Numa santa sexta-feira De dezoito e oitenta e nove Na Igreja da padroeira Quatro e trinta da manhã Na hóstia cor de romã Viu-se sangue a vez primeira Daquele dia em diante Fica a Beata nervosa Veze a hóstia vermelha Outras vezes cor de rosa Sempre em sangue transformada Ali estava iniciada A “questão religiosa” Teve um dia que a Beata

			Recebeu a comunhão E a partícula vermelha Ficou como um coração Aquele acontecimento Transformou-se em sofrimento Por Padre Cícero Romão Repetia-se o fenômeno Igual a primeira vez O Padre Cícero ocultava Pela sua timidez O grande Padre monteiro Foi quem divulgou primeiro Numa pregação que fez Padre monteiro primeiro Disse num sermão no Crato Depois convidou a quem Acha-se que era boato Que vinhesse em romaria Em Juazeiro um dia Vê a verdade do fato Ficou certa a romaria Pra o dia sete de julho De dezoito e oitenta e novembro Sem confusão, nem barulho Dia que o Padre Monteiro Divulgava em Juazeiro A discussão do orgulho Vieram três mil pessoas Do Crato em romaria Era um dia de domingo Às nove horas do dia Ouvia-se o Monsenhor Por ser ele o pregador Da missa naquele dia Padre Monteiro eloquente No mais histórico sermão Testemunhava o mistério Com uma toalha na mão Com sangue por todo canto O que fez arrancar pranto Dos olhos da multidão Padre Cícero ainda pediu Pro Monsenhor não contar Foi quando Padre Monteiro
--	--	--	--

			Disse eu posso até jurar “Se eu negar o que vi, Presenciei e percebi Meus olhos podem cegar” Padre Cícero que estava Do Padre Monteiro ao lado Saiu do púlpito chorando Bastante contrariado Dizendo naquela esfera Que aquilo ainda não era Tempo de ser divulgado Na repetição do fato Padre Cícero impaciente Queria esconder o sangue Dos olhos de muita gente Pedi que ela combinasse Com Jesus e comungasse Sempre separadamente Quando a Beata Maria De Araújo ia rezar O povo dizia vamos Que ela vá comungar Que é muito certo o dizer Que o que nasceu pra crescer Não tem quem possa empatar Continuava o mistério Feito pela natureza Só era em que se falava Por toda essa redondeza Para questão aumentar O bispo mandou chamar Padre Cícero à Fortaleza Em um interrogatório Que demorou mais de um dia Dom Joaquim perguntava Padre Cícero respondia O Juazeiro rezava A hóstia se transformava A fé do povo crescia Nas perguntas do Senhor Bispo Ao Padre Cícero Romão O Padre jurava tudo Com um livro embaixo da mão Com a mais perfeita calma
--	--	--	--

			Afirmando com a alma E a voz do seu coração O dito interrogatório Tornou-se muito bonito Porém no fim Padre Cícero Já estava muito aflito Que o bispo numa prece Pedia que desdissesse Tudo que havia dito Disse: volte à Juazeiro E diga com eloquência Que o sangue não é de Cristo De acordo à luz da ciência Padre Cícero não desdisse Doia-lhe a consciência O Padre Cícero dizia Jesus tenha dó de mim Eu desdizer o que disse Estou achando ruim Apelou pra santa sé E um documento de fé Enviou pra Dom Joaquim Num longo requerimento Estava feita a apelação Padre e médicos assinaram Com o Padre Cícero Romão “sentença interlocutória” Assim ficou na história O nome da petição Senhor bispo inconformado Mandou uma comissão De dois padres que vieram Ver de perto a comunhão Um foi o Padre Glicério E Antero, outro Padre sério Católico de coração Dezoito e noventa e um A vinte e três de setembro Veio a comissão ao Crato Formada por mais de um membro Querendo ver a certeza E levar pra Fortaleza Antes do fim de novembro
--	--	--	---

			Dom Joaquim não aprovou Essa documentação Mais uma carta escreveu Ao Padre Cícero Romão Gastando tempo e dinheiro Mandando pro Juazeiro A segunda comissão Padre Antônio Alexandrino Dizia eu vou e prometo Junto ao Padre Manoel Cândido O que achar lhe remeto Fazendo o mesmo papel Veio o Padre Miguel Coelho de Sá Barreto Dom Joaquim acreditou Na segunda comissão E como bispo assinou A “ordem de suspensão” Era um trio comissário Que preparava o calvário Do Padre Cícero Romão Aos seis de agosto de Dezoito e noventa e dois Foi Padre Cícero suspenso E a sofrer se despôs Dom Joaquim mandou pra Roma A apelação que soma Seu sofrimento depois Padre Cícero não podia Celebrar no Juazeiro Enquanto o processo estava Tramitando no estrangeiro Ele chorava e rezava E a sua fama aumentava No nordeste brasileiro Dezoito e noventa e quatro No dia quatro de abril Congregação de Roma Cheia de poderes mil Julgava a apelação Do Padre Cícero Romão Dando tristeza ao Brasil Dezoito e noventa e quatro A vinte e cinco de julho
--	--	--	---

			Dom Joaquim publicava Sem discussão, nem barulho Para uns serviu de pranto Pros inimigos de orgulho Dom Quintino quando veio Celebrar no Juazeiro Disse que testemunhava O grande Padre Monteiro Que era verdade sabia Mas a Igreja proibia Dizer que era verdadeiro Disse o bispo Dom Quintino Só não posso é divulgar Mas vi com meus próprios olhos A hóstia se transformar Em sangue de Jesus Cristo E o que por mim foi visto Eu sou capaz de jurar Nada fez o Juazeiro Deixar de atrair gente Cícero foi, é e será Nosso santo eternamente Está com nossa senhora E o resto eu só conto agora Noutro folheto da frente.”
5	Milagre do padre Cícero e Maria de Araújo	Severino José da Silva	“É um fato consumado Ninguém pode negar isso Que na mão do Padre Cícero Jesus o ressuscitado Depois de ser consagrado O sacramento de amor A hóstia se transformou Muito sangue derramando E a Beata comungando O sangue do redentor.” (p.11)
6	Milagre na cidade santa	Gonçalo Ferreira da Silva	“Por ter sido um Juazeiro Esse milagre operado Deve ser por pais e filhos. Este poema guardado A sete chaves por ser Um documento sagrado Nós, numa análise fria Não damos muita atenção

			A fato que a ciência Não lhe dê Sustentação Ou que não encontre apoio Nas colunas da razão Todavia, o milagre De Maria foi verdade: Testemunhado por homens De grande idoneidade Não nos deixa dúvida para A negar-lhe a veracidade Quem conheceu Padre Cícero Na longa existência até A morte, percebe o homem Obstinado o que é Na preservação da base Do edifício da fé. A fé nas coisas divinas O ódio humano suplanta, No episódio da hóstia A repercussão foi tanta Que transformou Juazeiro Na nova cidade santa Conquanto tão dogmática, Beata e sacerdotal Líderes eclesiásticos De modo quase geral Não deram valor àquela Fato sobrenatural. Mas os milagres com hóstia Se tornaram mais constantes, As grossas e longas filas De romeiros, viajantes Levando nos corações A fé que não tinham antes Milhões de medalhas eram Vendidas à multidão Exibindo numa face O Padre Cícero Romão Na outra a Beata, tida Por santa de devoção, Maria de Araújo Agora atraía as massas, Por causa da hóstia santa
--	--	--	---

			Ruas quarteirões e praças Enchiam de gente, em busca De cura, milagre e graças No livro "Padre Cícero O Santo do Juazeiro" Edmar Morel nos mostra Como fato verdadeiro Da santa hóstia, o milagre Revelado ao mundo inteira Também no Brasil inteiro: No armazém, na esquina O tema era sobre a nova Jerusalém nordestina E o milagre operado Pela Beata divina Santa Maria de Araújo Devota de coração Quando recebeu a hóstia Do Padre Cícero Romão Inconsciente atirou-se Repentinamente ao chão, Acodida prontamente Depois que foi levantada Na forma de um coração Estava a hóstia sagrada Com o Sangue de Jesus Cristo Inteiramente banhada. Quando a hóstia foi mostrada Na forma de um coração Gritos de triunfo ouviu-se Da imensa multidão Repetindo: é um milagre Do Padre Cícero Romão A notícia do milagre Voou com tal rapidez Para além do grande vale Que em muito menos de um mês O papa em Roma sabia Do milagre e quem o fez Foi em mil e oitocentos E oitenta e nove, e era Na Quaresma, quando o povo De alma pura e sincera
--	--	--	--

			O sagrado coração_ De Jesus Cristo venera Por ganhar exatamente Repercussão mundial Diziam: - Está escrito No livro celestial Que antes do fim do mundo Jesus mandava o sinal Médicos de reconhecido Valor profissional De conceito sem limite E de elevada moral Deram, positivamente, O veredito final Autoridades políticas, Das artes, da medicina, Bruxos, feiticeiros, magos, Quem nunca aceitou doutrina Viam na Beata santa Manifestação divina O papa, que a princípio Usou tanta austeridade, Repelindo o Padre Cícero Com tanta severidade, Curvou-se humilde, diante Da pura realidade De qualquer maneira, mesmo Entre os mais intransigentes, À medida que os milagres Ficaram mais evidentes Não continuaram sendo Dali pra frente descrentes. Para nós, estudiosos Das santas leis naturais Acontecimentos tidos Como sobrenaturais São explicados à luz Das leis espirituais. Deus disse a Moisés: - Solte Esta vara e, de repente A vara de Moisés Se transformou em serpente E segurando-a no rabo
--	--	--	---

			Se fez vera novamente. Não vamos comparar Deus Com o Padre Cícero Romão, Nem com Maria de Araújo E nem com frei Damião Mas mostramos que os milagres Vêm do Pai de Criação Quem disser que o Padre Cícero Não é santo por enquanto Porque o papa de Roma Não o cobriu o seu mento Para o povo do nordeste É muito mais do que santo Mesmo que os homens queiram Pensar como São Tomé Só vendo é que acreditava A nossa missão não é Pregar nos corações duros Semente alguma de fé A fé é um sentimento Que o homem tem ou não tem Quem tem fé vive feliz Quem não tem vive também Não damos fé nem tiramos Do coração de ninguém São Padre Cícero Romão Estenda, pois o seu manto Sobre nós, os pecadores, Amenize o nosso pranto, Sobre pessoas de fé Para nós você é santo De coração veremos O Padre Cícero Romão Um santo conhecedor Dos problemas do sertão Das dores dos camponeses Da fome na região Aquele que em milagre Por vaidade duvida Veja atentamente numa Criança recém-nascida Como no ventre materno Deu-se o milagre da vida”
--	--	--	--

7	O milagre de Juazeiro	João Bandeira de Caldas	“Realizando procissão Mandando o povo rezar Fazia inverno voltar Desaparecer verão Causava admiração Fatos sobrenaturais Expulsava satanás Tudo que ele fazia Provocava romaria E haja gente inda mais No meio desse espetáculo Bonito, maravilhoso O líder religioso Chegou no maior pináculo Sem o menor obstáculo Limpando coração sujo Igualmente a um marujo Que garante uma fragata Deu-se o caso da Beata Maria de Araújo Em março, no dia primeiro No ano de oitenta e nove Fim do século dezenove Deu-se o caso verdadeiro Na capela do Juazeiro Por um grande público visto Sem haver nada previsto O milagre realizou-se Uma hóstia transformou-se No sangue de Jesus Cristo Na boca da beatinha Que estava ajoelhada Esperando a hóstia sagrada Encostada na mesinha Às cinco da manhãzinha O Padre Cícero Romão Lhe entregou a comunhão Quando ela a recebeu Em sangue se converteu Que caiu pingo no chão E em tanta quantidade A hóstia se transformava E ela extática ficava Na maior serenidade

			Vinte e oito anos de idade Era o que a Beata tinha Muito humilde e pobrezinha Pura como uma criança Sublime como a esperança Serena como uma santinha Os fenômenos se repetiram Três anos sublimemente Chagas de lado e de frente Nos pés e nas mãos se abriram Quando essas chagas surgiram Foi mais admiração E em forma de um coração As hóstias se transformando E haja questão rolando Pro Padre Cícero Romão Não entendendo o mistério O bispo não acreditou Ao Padre Cícero intimou Se tornou um caso sério Mandou mais de um ministério Mais de uma comissão Fazer averiguação Porem quem os fatos via Quando voltava dizia Que o Padre tinha razão O Padre Cícero Romão Se achando muito aflito Como ele deixou escrito Foi ao lugar de oração Pôs os joelhos no chão E disse: Deus não me acabrunhou Eu lhe peço um testemunho Pra consciente jurar E se precisar assinar Até com meu próprio punho Jesus hóstia respondeu Que ele podia jurar Sem ter medo de errar Que aquele sangue era meu O Padre Cícero escreveu O que a hóstia ia dizendo Devagarinho escrevendo Este grande testemunho Mesmo com seu próprio punho Pro mundo ficar sabendo
--	--	--	--

			Lhe disse mais que “jurasse Por ele mesmo criador Como amigo e redentor” E com medo não ficasse Pra que ninguém duvidasse Houve esta explicação Testemunhando a razão Mas o bispo inconformado Inconsciente coitado Continuou a questão Padre Cícero foi à Roma Esteve na Santa Sé Comprovou a sua fé Tao grande que ninguém soma Seu valor ninguém toma Veio de lá absolvido Venceu e não foi vencido Conseguiu sua vitória Deixou seu nome na história E hoje em dia é que é querido Por tudo que aqui foi feito Se errei peço perdão Nesta minha descrição Eu disse o que vi escrito Mas é porque acredito No Padre Cícero Romão E juro de coração Que o sangue era de Jesus Mártir que morreu na cruz Pela nossa salvação”
8	O milagre do século	Samara de Sousa	“De manhã, tarde e noite Padre Cícero estava lá Em uma pequena capela Dava a hóstia sagrada Aos beatos do lugar Algo muito importante Em Juazeiro ocorreu Nas horas em que o padre A Beata Maria deu A hóstia milagrosa Que em sangue derreteu O fenômeno em Juazeiro Polêmico se transformou

		Os padres e bispos da época A inveja dominou Deram a hóstia a Beata Mas sangue não jorrou O Padre Cícero a Beata Outra hóstia entregou Em sangue se transformou O ódio de Dom Joaquim Contra o Padre começou Com a dor no coração Juazeiro ele deixou Enfrentando os preconceitos Que no clero encontrou Aonde em toda vida Defendeu com tanto amor Após muito sofrimento O Padre Cícero voltou A terra da mãe de Deus A cidade que fundou Com a ordem novamente Seu povo arrebanhou Porém durou pouco Aquele grande alegria Mais uma vez a Igreja Ao bom Padre perseguia Lhe tirando o direito Que tanto o Padre queria De casar e batizar O Padre foi proibido Não podia celebrar Para o seu povo querido Padre Cícero aceitava Com o coração partido Seu nome qualquer criança Ninguém poderia dá A Igreja condenava Quem ousasse discordar O Padre Cícero sofria Seu conforto era chorar Mesmo fora da Igreja A todos ele ajudava Seu nome no Ceará A muitos incomodava
--	--	---

			Até mesmo o governo Nosso santo respeitava Padre Cícero se tornou Político sem vocação Porem pra acalmar os ânimos Dos vizinhos em questão Foi prefeito em Juazeiro Com a maior votação Cada ano que passava Os milagres aconteciam E o prestígio do padre Aumentava a cada dia O Padre aceitava aquilo Mas não era o que queria Ele queria um dia Poder voltar a celebrar Dizer missa e sermão Confessar e batizar E continuar visitando Os devotos do lugar Em junho de 34 O dia entristeceu O povo desenformado Pra Juazeiro correu Quando souberam a notícia Que o Padre Cícero morreu Secsagêsimo quinto ano Mais de meio século está O nosso santo Padre Cícero Pelos pobres orar Os mesmos alegaram Cidadão do Ceará”
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

“A hóstia que virou sangue na comunhão da Beata” narra o milagre detalhadamente, com “dia certo e hora exata”, porém Maria de Araújo é colocada apenas como personagem secundário, cabendo-lhe apenas breves citações, enquanto o Padre Cícero é descrito como o grande autor do milagre, tendo realizado e respondido por ele durante todo o processo da Igreja Católica. No cordel é mencionado apenas os castigos impostos à Cícero, como vemos nos versos: “Aquele acontecimento/ Transformou-se em sofrimento/ Por Padre Cícero Romão”,

“Foi Padre Cícero suspenso/ E a sofrer se despôs” e “Ele chorava e rezava/ E a sua fama aumentava/ No nordeste brasileiro”. O poeta fala que do dia do milagre em diante a Beata ficou nervosa, e mesmo com as tentativas do Padre de esconder o milagre, sempre que Maria comungava, uma multidão se formava. E quando fala no crescimento das romarias, diz que “o que nasceu pra crescer/ Não tem quem possa empatar”.

Em “Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo”, já no título o milagre é atribuído não só ao Padre, mas também à Beata. O poeta afirma que Maria “Foi santa desde menina”, que era obediente e de coração puro, e que “Foi um sacrário vivo/ Do sangue de Jesus Cristo”, fala também que Maria, pobre, nobre, santa e tranquila, foi escolhida por Jesus para representar sua paixão. Menciona o êxtase, os estigmas os exames da comissão da Igreja. É o único cordel que relata felicidade de Maria por conta do milagre: “Gente de toda camada/ Viu a hóstia consagrada/ Virar sangue na Matriz/ A Beata bem feliz/ Confia em Deus e em si” e “Maria de Araújo é santa/ Também está na Matriz/ Com seu coração feliz/ Seu sorriso nos encanta/ Ao lado do fundador”. O autor usa o mote, verso que se repete no final das estrofes, “E a Beata comungando/ Heroína do Brasil” várias vezes no texto, deixando clara a intenção de enaltecer Maria.

Em “Milagre na cidade santa”, a Santa Maria de Araújo, como chama o autor, divide o protagonismo do milagre com o Padre Cícero. O autor afirma que Maria “atraía as massas” e por todo o país se falava sobre “o milagre operado/ Pela Beata divina”. Fala que a Beata ficou inconsciente durante o milagre e que todos que foram examiná-la atestaram a veracidade do milagre. Relata que durante as primeiras romarias eram comercializadas medalhas com imagens de Cícero e de Maria.

“O milagre de Juazeiro” enaltece Cícero, afirma que já aconteciam fatos sobrenaturais antes do milagre com a Beata. O milagre é narrado com detalhes, como data e hora. A Beata é apresentada como “muito humilde e pobrezinha/ pura como uma criança/ sublime como a esperança/ serena como uma santinha”. O poeta menciona os estigmas recebidos pela “beatinha”, porém só retrata as retaliações sofridas pelo Padre e não menciona mais o nome da Beata.

“O milagre do século” narra o acontecimento da hóstia, a autora o chama de “o milagre do século”. Fala que a hóstia transformava-se em sangue na boca de Maria apenas quando era ministrada por Cícero. Das 24 estrofes, apenas 3 citam Maria.

Quadro 05: Cordéis que falam de Juazeiro do Norte

9	Centenário de Juazeiro do Norte	Antônia Rodrigues Ferreira	“Foi por causa do milagre Ele ultrapassou fronteira Beata religiosa Era muito verdadeira Cidade faz oração Ao Padim Ciço Romão Na procissão tem fileira.” (p.12)
10	Conheça o Juazeiro	João Bandeira de Caldas	“Conhecer o Museu Vivo Do Padre Cícero Romão, Lá no casarão do Horto Com a representação Do tempo que ele viveu E a Beata que nasceu Com a predestinação. Sim, a Beata Maria De Araújo, tão singela Também está no Museu E essa Beata é aquela Que a Santa Hóstia Sagrada Em sua boca colocada Transformou-se em sangue nela.” (p.10; 11) “Ver onde está sepultada Nossa Beata Maria De Araújo, aquela santa, Que tanto sofreu um dia Pergunta e perseguição Quando nessa região Uma hóstia se convertia.” (p.12)
11	Em defesa de Juazeiro	José Edimilson Correia (Zé Mutuca)	“E esse e outros mais Importantes documentos Como o nascimento De padim Ciço Romão Milagre que aconteceu Que a Beata recebeu A história em comunhão.” (p.8)

12	Fatos e invenções de Juazeiro centenário	Cícero José Alves Gonçalves (Soneca)	“Tudo correndo normal, Antes do milagroso, Fato sobrenatural, Fenômeno curioso, Na hora da comunhão, Não houve a sagração, Deu-se o miraculoso. Maria de Araújo no chão, De joelhos ali ficou, Diante grande multidão, Hóstia em sangue virou, O milagre acontecia, A partir daquele dia, A romaria começou. Milagre acontecido, Grande foi repercussão, O bispo enfurecido, Pede uma explicação, Meu Padrim se defendia, O Bispo lhe repudia, Com Carta de Proibição. Bispo Dom Joaquim proibiu, Meu Padrim de celebrar, Meu Padrim já decidiu, Que aqui não vai mais ficar, Se muda pra Salgueiro, Pede ao povo romeiro, Que não pare de rezar.” (p.7)
13	Juazeiro centenário	Ernane Tavares Monteiro	“Foi neste apostolado Que a história relata Aumentou a fé do povo Surgiu aqui a Beata Maria de Araújo Que deixou o pano sujo Todo povo lhe exalta. Quando Padim Ciço viu Aquela grande aflição O sangue cair da boca Ensopando pé e mão Mandou que fosse limpando Onde o sangue foi pingando E o que melou o chão. Foi por causa deste fato

			A primeira romaria Que o Monsenhor Monteiro Como romeiro queria Conhecer tudo de perto Saber realmente o certo Do que houve com Maria. O fato foi constatado Aqui neste Juazeiro Foi quem atraiu o povo Tudo quanto era romeiro Foi tudo periciado E na hora foi confirmado Pelo Monsenhor Monteiro. Quem veio olhar de perto O fato testemunhar O milagre de Juazeiro Meu Padim pôde mostrar Com algum tempo passado Tudo que foi registrado Ninguém pôde mais provar. E a Maria de Araújo Foi presa, foi torturada Ainda passou bom tempo Numa sela enclausurada Proibida de falar De seu jeito comentar Da hóstia ensanguentada. Logo depois saiu de cena Padim Ciço foi punido O Senhor Bispo do Crato Deu ao caso outro sentido E das suas atividades Foi por suas autoridades Que Padim foi proibido.” (p.12, 13, 14)
14	Juazeiro centenário: pautado no trabalho, modelado na fé	Francisco de Assis Sousa	“Na Vila a calma acabou Que era quase inalterada Até que acontecesse Uma cena inesperada Eu não sei de qual maneira Na boca da lavadeira A hóstia foi transformada. De sangue ficou manchada Os lábios ficaram sujos

			De Maria Madalena Do Espírito Santo de Araújo Tingindo sua roupa branca Deixando uma marca franca Feito nódoa de ferrugem. Beata de seu refúgio Moça serena, solteira Com seus vinte e oito anos Hoje sendo a derradeira Há quarenta e quatro dias Que a cena se repetia A se contar da primeira. Episódio sem fronteiras E Padre Cícero Romão (Quem celebrava a missa) Tem grande repercussão Como Santo milagreiro Na vila do Juazeiro Só aumenta a devoção. E foi grande a comoção Depois de mil e oitocentos E oitenta e nove é o ano Dos repetidos momentos Desse suposto milagre Digo ate que se consagre As verdades dos eventos. Canudos no sofrimento Ainda ardia na chama E o nome do Padre Cícero Já repercutia a fama Corria o Brasil inteiro Como Padre milagreiro Entre o mistério e o drama.” (p.7,8,9)
15	Juazeiro centenário da fé	Raul Poeta	“No ano mil oitocentos E oitenta nove, iria Ocorrer o maior fato Que pra sempre mudaria A fé do povo e a vida De serva Beata Maria Na capela o povo estava Orando com devoção Era março e não caía Um pingo d’água no chão

Rogava-se o fim da seca
Que castigava o sertão

De repente um fato histórico
O povo presenciou
Quando a Beata Maria
Em transe se encontrou
Pois a hóstia em sua boca
Em sangue se transformou

— Milagre! – Gritaram todos
Que ali se encontravam
Ajoelhados no chão
As mãos pro céu levantavam
Milagre! Isso é um milagre!
Era o que todos gritavam

O caso ocorreu enquanto
Estavam em oração
Padre Cícero e as Beatas
Numa grande devoção
Aquele caso mudou
O rumo de uma nação

Dois anos depois do fato
O Padre Cícero sofreu
Opressão por dom Joaquim
Quando o milagre ocorreu
Mas no auge de sua fé
Firme ele permaneceu

A repercussão do fato
Correu o Brasil inteiro
José Marrocos foi quem
Defendeu o verdadeiro
Fator de que o *Padim*
Era mesmo o milagreiro

No mesmo ano o *Padim*
Foi pra capital do estado
E no paço episcopal
Ele foi sabatinado,
Pelo bispo dom Joaquim
Foi o *Padim* pressionado

Por causa do fato tido
Como extraordinário
O meu *Padim* padeceu
O momento mais precário
De seu ofício sagrado

			E sacerdócio lendário” (p. 6,7,8)
16	Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé	Josenir Lacerda	“O momento do milagre Da promessa que se cria Pela Igreja do Horto O conflito que angustia Ainda o marcante fato Ao chegar, vinda do Crato A primeira romaria. Depois de vistos os panos Do evento da Beata Multiplicam-se os fiéis Nó de temor se desata Então só se vê romeiro Seguir rumo ao Juazeiro Sem carecer de uma data.” (p.12, 13)
17	Juazeiro do padre Cícero	Estudantes da Escola de Ensino Fundamental Tabetião Vicente Pereira	“Quando aconteceu Da hóstia a transformação Juazeiro mudou muito Cresceu a população Uns vinham para ver Outros pra morar então Os fatos extraordinários A Igreja não aprovou Não reconheceu o milagre Depôs que investigou A Beata Maria de Araújo Muito sofreu e chorou Quando os fatos ocorreram Veio a primeira romaria Hoje nós temos romeiro Seja noite seja dia E a cidade abraça Com imensa alegria” (p.2)
18	Juazeiro do padre Cícero	João Bandeira de Caldas	“Muitos milagres ficaram realizados Conhecidos, comentados Dessa verdade eu não fujo Como o da hóstia, sem haver conversa Que virou sangue na boca De Maria de Araújo” (p. 2)

19	Juazeiro primitivo	João Pedro C. Neto	“Em março de oitenta e nove Dia seis, na povoação, Acontece o santo milagre Da hóstia em transformação Quando Maria de Araújo Recebe a Santa comunhão. No dia sete de julho Mons. Monteiro com alegria Traz mais de três mil pessoas Esta foi a primeira romaria Daí em diante não faltou Romeiros tem todo dia. Em dezenove de agosto Oitenta e nove com amor A Beata Maria de Araújo Convida nosso senhor A penitência dos mortos e vivos Na capela do salvador.” (p.8)
20	Mais de cem anos de romaria em Juazeiro do Norte	João Bandeira Caldas	“Com o zelo do vigário E o fenômeno de Maria De Araújo, a Beata Um milagre acontecia Em Juazeiro do Norte Não faltou mais romaria ” (p.2)
21	Memórias e fatos religiosos	José Mauro Matos	“Na hora da comunhão O milagre acontecia Era a maior transformação Na boca da Beata Maria Na capela Mãe das Dores O povo cantava louvores E aumentava a romaria. A diocese lhe suspendeu De fazer celebração Porque ela percebeu Que ali juntava o povão E o bispo invejoso Por poder ganancioso Só causou indignação.” (p.5)
22	O Juazeiro e o Padre Cícero Romão	Severino Borges da Silva	“Maria de Araújo Foi um dia comungar Sentiu a hóstia na boca Em sangue se transformar

			E os médicos foram logo A Beata examinar Ela sendo examinada O bispo diocesano Não culpou o Padre Cícero Pois era justo e humano Porém tornou-se depois Infel e desumano Devido questões políticas tratou de o perseguir com ordens proibitivas pra Padre Cícero sair da Igreja e nada mais em Juazeiro assumir ” (p.4 e 5)
23	O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte	Expedito Sebastião da Silva	“Pois havia uma Beata Humilde, que se chamava Por Maria de Araújo Ela quando comungava Em sua boca inocente A hóstia ligeiramente Em sangue se transformava. Logo os doutores fizeram Nela um exame perfeito Porém de doença alguma Não encontraram defeito Pois sempre continuava Quando ela comungava Se dando do mesmo jeito. O sangue exalava um cheiro Como jamais nunca visto Tão vivo, fazendo crer Que era o sangue de Cristo Então dele, ensanguentadas Toalhas foram guardadas Para ser a prova disto. Quando vagou a notícia Pela zona do sertão Que aqui a hóstia em sangue Estava em transformação Aí o povo ligeiro Em busca de Juazeiro Vinha em grande multidão.

			Mas devido esse milagre Assim ter acontecido Quando o caso geralmente Tornou-se reconhecido Por gente de posição E Padre Cícero Romão Foi bastante perseguido. E os que viram juraram A ser verdade o que via Porém sempre o Padre Cícero Aos que juravam pedia Pra não fazer juramento Porque viria um momento Que um por um negaria. Como de fato, se deu Como ele havia dito Todos que viram negaram Dizendo que era um mito Mas com toda negação O Padre Cícero Romão Só, enfrentou o conflito.” (p.16, 17, 18)
24	Os milagres de Juazeiro	José Edimilson Correia (Zé Mutuca)	“Na manhã do outro dia Nada disse pra ninguém Conversava com alguém Mas o sonho não contou Sua surpresa foi tanta Quando um dia a hóstia santa Em sangue se transformou. A hóstia se transformou Na boca duma Beata Uma mocinha pacata Que ele a viu criança Quando a menina cresceu Meu padim não percebeu Que ali tava a esperança. Maria de Araújo Esse era o nome dela Se conservou-se donzela Seguindo sua vocação De servir sempre ao Senhor Na alegria e na dor Em qualquer situação.

Padim Ciço se assustou
Quando viu aquela cena
Preparou logo a patena
Pro sangue não derramar
Mas tudo ali tava salvo
E com um pano bem alvo
Conseguiu logo enxugar.

O milagre aconteceu
Num dia de sexta-feira
Na quinta a noite inteira
Oito mulheres oraram
De manhã as cinco horas
Antes de irem embora
Jesus se manifestou.

Entre as oito mulheres
Tava a Beata Maria
Meu Padim na correria
Confessa, dar comunhão,
A baeta de mãos postas
Quando recebeu a hóstia
Se deu a transformação.

Depois que aconteceu
Este milagre primeiro
Chegou aqui em Juazeiro
A primeira romaria
Do município vizinho
Pra conhecer meu padrinho
E a Beata Maria.”
(p.8, 9, 10)

“Houve incredulidade
E Maria de Araújo
Ficou com o nome sujo
Vista com outra visão
Caluniada, açoitada,
E depois foi colocada
Nas grades de uma prisão.
(p.11)

O antigo povoado
Hoje Juazeiro do Norte
Cidade de médio porte
A maior em romaria
Jesus aqui escolheu
E milagre aconteceu
Entre Cícero e Maria.”
(p. 14)

25	Os três maiores momentos da história do Juazeiro – a chegada do Padre Cícero, o milagre e emancipação política	Maria Rosimar Araújo	“Um fato extraordinário Aconteceu e mudou Todo aquele lugarejo Quando a Beata comungou E a partícula sagrada Em sangue se transformou. Aos que estavam presentes Causou um grande espanto Que era o sangue de Cristo E era o momento Santo Que fez o padim sofrer E derramar o seu pranto. O milagre aconteceu A Igreja não aceitou As provas foram sumidas O povo silenciou O Padre Cícero sofreu E a Beata chorou. A Igreja foi severa Na época com o Padim Cíço Deixar nosso Juazeiro O Bispo lhe pediu isso Só não diminuiu a fé Do povo por causa disso. (p.7) Foi por causa do milagre Que a romaria cresceu Os que vinham à Juazeiro E o Padre Cícero acolheu Orientando para o bem A todo esse povo seu. (p.8)
26	Recortes de nossa história	Cícero Viana	“Foi no século XIX Na Capelinha do Juazeiro, Que a hóstia virou sangue Santamente verdadeiro, Fenômeno extraordinário! Se espalhou no mundo inteiro. Maria de Araújo Recebendo a comunhão

			Das mãos de Padrinho Ciço Deixou todos em aflição A boca se encheu de sangue Foi grande a admiração. Desde então o Juazeiro Tornou-se uma atração, Mas, esta questão religiosa Trouxe séria complicação, Mudou totalmente a vida Do levita do sertão.” (p. 8)
27	Romaria	José Hugo	“Foi na Beata Maria Que o milagre se formou A hóstia se transformou Em sangue que escorria E foi grande a correria Do povo maravilhado E “O Padim Ciço” espantado Com tudo que estava vendo Ficou pasmo o reverendo Com este feito sagrado. Logo toda vizinhança Tomando conhecimento Veio a pé ou de jumento Do fato fazer fiança E com toda confiança Que do Padre emanava Quem via não duvidava Daquilo que ocorria Em toda vez que Maria Na Igreja comungava. Apareceram estigmas Nos pés e em suas mãos Na fronte, no coração Pra decifrar este enigma De uma santa o paradigma. Chamaram logo um doutor Que ao examinar o fator Constatou veracidade Não continha falsidade Concluiu o relator. De Fortaleza, enviou O Bispo, uma comissão Pra olhar com precisão

			Tudo que aqui se passou E logo se confirmou Como já era esperado Que o milagre citado Depois da perícia feita Foi dada por satisfeita Como prodígio sagrado. O Bispo ficou irado Dizendo que não gostou E depressa nomeou Outro membro do prelado Mandando muito apressado Que viessem bem ligeiro Pra exterminar por inteiro Toda essa coisa ruim E era pra por um fim No negócio do Juazeiro Eu nunca entendi direito Por que é que ele fez isso De querer dar um sumiço No que Jesus tinha feito E por não ter dado um jeito De vir lá de Fortaleza Pra ele ter a certeza Do que estava acontecendo E não ficar concebendo Coisas de outra natureza. A Beata foi perseguida Sendo até espancada No seminário trancada Ficando desiludida E não achando guarida No seu bruto inquisidor Que chamou de impostor A Beata e meu “Padim” E encerrando assim Seu relato acusador.” (p. 9, 10, 11, 12)
28	Visitando Juazeiro	Ernando Carvalho	“Sobre a Beata Mocinha (Joanna Tertuliano) E Maria de Araújo Posso dizer sem engano São figuras importantes Do mundo paroquiano.” (p. 12)

Fonte: Elaborado pelo autor

“Centenário de Juazeiro do Norte”, “Em defesa de Juazeiro” e “Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé” falam sobre a importância do “evento da Beata” e sua influência no crescimento da cidade, porém, nos três cordéis Maria não é citada pelo nome, sendo tratada apenas como Beata, denotando desprestígio e distanciamento à memória de Maria. No cordel “Em defesa de Juazeiro” o milagre é atribuído ao Padre Cícero e Maria é apresentada como figura passiva do milagre e citada apenas como “a Beata recebeu a história em comunhão”.

“Fatos e invenções de Juazeiro centenário”, “Juazeiro centenário da fé”, “O Juazeiro e o Padre Cícero Romão”, “O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte” e “Recortes de nossa história” apontam o milagre como precursor das romarias de Juazeiro do Norte, falam da desaprovação da Igreja e dos castigos impostos ao Padre Cícero, porém não menciona o sofrimento de Maria. Apresentam falas como “Padre Cícero Romão, só, enfrentou o conflito.” Em momento algum se reconhece o sofrimento da Beata e sua perseguição. Em “Recortes de nossa história” é possível identificar a fama de Cícero através de Maria, quando o poeta diz que o milagre “Mudou totalmente a vida/ Do levita do sertão”. Apenas o título “O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte” se aproxima da personalidade de Maria nas estrofes “Pois havia uma Beata/ Humilde, que se chamava/ Por Maria de Araújo/ Ela quando comungava/ Em sua boca inocente/ A hóstia ligeiramente/ Em sangue se transformava”.

“Juazeiro do Padre Cícero”, “Juazeiro centenário”, “Os três maiores momentos da história do Juazeiro – a chegada do Padre Cícero, o milagre e emancipação política” e “Romaria” contam a história de Juazeiro do Norte e apontam o milagre da hóstia como fato fundador das romarias. Todos mencionam o sofrimento da Beata, no primeiro o poeta afirma que Maria “sofreu e chorou” com o não reconhecimento do milagre pela Igreja. “Juazeiro centenário” lembra ainda que Maria de Araújo era exaltada pelo povo e foi presa, torturada e enclausurada. Em “Romaria”, o poeta afirma que Maria foi perseguida e espancada. “Os três maiores momentos da história do Juazeiro – a chegada do Padre Cícero, o milagre e emancipação política” afirma que Cícero e Maria sofreram com a acusação de embuste da Igreja.

“Conheça o Juazeiro” cita a Beata no momento em que fala das estátuas do

Museu Vivo do Padre Cícero no horto, onde existe uma estátua de Maria de Araújo. Fala que Maria nasceu com predestinação ao milagre e por último fala do seu túmulo, como se ela estivesse lá sepultada, quando na verdade há apenas uma placa simbólica.

“Juazeiro centenário: pautado na fé, modelado no trabalho” fala que após o milagre iniciaram as romarias e também a fama de milagreiro do Padre Cícero. É um dos poucos cordéis não dedicados à Beata que apresenta informações sobre sua vida pessoal, como nome completo (“Os lábios ficaram sujos/ de Maria Madalena/ do Espírito Santo de Araújo”), profissão (“Na boca da lavadeira/ a hóstia foi transformada”), idade na época do milagre (“Com seus vinte e oito anos”) e características de personalidade e estado civil (“Moça serena, solteira”).

Em “Os milagres de Juazeiro” o poeta afirma que Maria era a esperança pra cidade, narra o milagre e conta detalhes sobre a vida de Beata, afirmando que ela cresceu próxima ao Padre Cícero, e a denomina como “Uma mocinha pacata” que “conservou-se donzela/ Seguindo sua vocação”. Afirma que os primeiros romeiros vieram à Juazeiro do Norte ver o Padre e a Beata. Menciona os castigos impostos à Maria de Araújo, afirmando que ela foi tratada com incredulidade, foi açoitada, caluniada, reclusa e por fim atribui o milagre ao Padre e a Beata.

“Visitando Juazeiro” faz uma síntese de Juazeiro do Norte e cita como figuras importantes na história da cidade as Beatas Mocinha e Maria de Araújo, mas não vincula a Beata ao milagre, sendo o único cordel que menciona Maria sem mencionar o milagre.

Os títulos “Juazeiro primitivo”, “Mais de cem anos de romaria em Juazeiro do Norte”, “Juazeiro do Padre Cícero”, “Memórias e fatos religiosos” falam brevemente da importância do milagre na história da cidade, entendendo-o como evento motivador das romarias na cidade, como narra o poeta em “Mais de cem anos de romaria em Juazeiro do Norte”: “Com o zelo do vigário/ E o fenômeno de Maria/ De Araújo, a Beata/ Um milagre acontecia/ Em Juazeiro do Norte/ Não faltou mais romaria”. Entre os quatro cordéis, o único que apresenta personalidade à Maria é “Juazeiro primitivo”, quando fala que Maria convidava os fiéis a fazerem penitência.

Nos cordéis “Juazeiro centenário da fé” e “Romaria” é possível identificar traços do que, para os católicos, são considerados sinais de santidade, como entrar em transe e receber os estigmas de Cristo.

“O Juazeiro e o Padre Cícero Romão” cita os exames médicos feitos em

Maria de Araújo pela comissão do inquérito e “Memórias e fatos religiosos” menciona a repreensão da Igreja por conta das romarias que estavam surgindo entorno de Maria e Cícero.

Quadro 06: Cordéis que falam sobre Padre Cícero

29	A vida do padre Cícero Romão Batista do Juazeiro	Alípio Madeiro	“Ao assumir a freguesia Nomeou a secretária De boa caligrafia E de boa indumentária Os papeis de que servia Seguira na boa romaria Dona Maria de Araújo Ou a Beata Mocinha Higiênica, sem ter sujo Bonita e pequeninha Filha de um velho marujo Que morava na serrinha” (p. 6 e 7) “Na grande luta que tinha Já estava quase enxague Comunhão Beata Mocinha A hóstia enchia de sangue O milagre se avizinha É verdade, ninguém manguê” (p. 9)
30	A vida, os milagres e canonização do Padre Cícero	José Landim	“Falamos de meu padrinho Nosso santo protetor Vamos falar das Beatas Com palavras de amor Que ajudou meu padrinho Nas alegrias e na dor Um milagre acontecido No nosso belo sertão Com a Beata Maria de Araújo Numa das missas então A hóstia se transformou em sangue Na hora da comunhão Espalhou-se em todo lugar O milagre acontecido Chegou até no bispado Que veio saber do havido Quando arrumou a prova Meu Padre Cícero foi punido”

			(p. 6 e 7)
31	Meu padim, 150 anos ao lado do romeiro	Tony Santos	“A primeira romaria Se deu no século passado Quando o Crato veio ver O milagre consumado Pois na boca de Maria A hóstia em sangue descia Manchando o manto sagrado.” (p.8)
32	Nascimento, vida e a morte do Padre Cícero Romão Batista	Raimundo Bezerra de Moura	“A 6 de março de 89 Foi grande a confusão A Beata Maria de Araújo Na hora da comunhão A hóstia na sua boca Ficou em transformação A hóstia virou sangue Chamou o povo atenção Ensanguentou a toalha No meio da multidão Quando ela comungava Com Padre Cícero Romão O Bispo da diocese Foi logo o sabedor Dom Joaquim José Vieira Escreveu a seu pastor Que enviasse por escrito De tudo que se passou A 25 de julho de 94 Veio logo a condenação Dos milagres da Beata Por toda congregação Recebia a portaria O Padre Cícero Romão A 14 de abril de 96 Chegava a proibição Para não celebrar missa O Padre Cícero Romão Lá dentro do Juazeiro Na sua jurisdição” (p. 13, 14)
33	O filme do padre Cícero	Pedro Bandeira	“Outro papel importante É o de Ana Maria Que imita a Beata

			Maria, quando vivia Trilhando o feliz caminho Ao lado do meu padrinho O santo da romaria (p.3) Nossa Beata inocente Eu não vi mas dou por visto Sempre recebia a hóstia Dizendo: a Deus eu conquisto; Quando na boca botava A hóstia se transformava No sangue de Jesus Cristo No filme um Padre misto Cabra feio da venta chata Que foi fazer sindicância Depois duma serenata Por lá farrou e bebeu Por isso enfesado deu Uns bolos em nossa Beata“ (p.4)
34	O santo de Juazeiro	Nezita Alencar	“E sob as bênçãos de Deus O tempo ali transcorreu, Com oração e trabalho O Juazeiro cresceu, Mas por vontade divina, Mudando aquela rotina, O milagre aconteceu. Maria de Araújo Beata de fé segura, Que tinha a alma de neve Por baixo da pele escura, Foi de Deus o instrumento No palco do grande evento A mais humilde figura. No ano de oitenta e nove Do dezenove lembrado, Indo a mesma receber A Jesus Sacramentado, Aos pés de Nossa Senhora, A hóstia naquela hora Mudou-se em sangue encarnado! O sangue limpado em panos Que o Padre Cícero guardou,

		Porém com muita cautela O acontecido tratou; Mas não por sua vontade, Em toda a comunidade A história se espalhou. Enquanto na região A notícia já corria, Lá na Capela das Dores O fato se repetia, Servindo de testemunho, Um médico, do próprio punho Um atestado escrevia. Sabendo do atestado Do Doutor Marcos Madeira, Ao Juazeiro acorria Uma região inteira, Divulgado na imprensa, Cresceu do milagre a crença Na população romeira. Padre Cícero convocado Pelo bispo Dom Joaquim, O que houve em Juazeiro Contou tim-tim por tim-tim, Sem exagero ou maldade, Sendo fiel à verdade Do começo até o fim. E veio uma comissão Para o fato investigar E também vieram médicos À Beata examinar, Assistiram à comunhão, Viram a transformação, Para a verdade atestar. O bispo do Ceará Não gostou do resultado, Mandou nova comissão Que escreveu novo atestado Dizendo: “Nada ocorreu, O milagre não se deu, Era tudo simulado!” E então um relatório Foi para Roma enviado E com ele o Padre Cícero Da ordem foi afastado
--	--	--

			E durante toda a vida Carregou esta ferida Humilde e resignado.” (p.8; 9; 10) “E a quem contesta o milagre Damos uma sugestão: Repare no crescimento Desta Meca do sertão, Seu progresso desmedido, Milagre reconhecido Por todos nesta Nação.” (p. 14)
35	Padre Cícero e Juazeiro de ontem e hoje	Jackson Pires Barbosa	“E o momento foi chegado Em sua capelania A surpresa dum milagre Às primeiras horas do dia Em oitenta e nove aconteceu O que jamais sucedeu Numa outra freguesia. Maria de Araújo Que na mesa comungava Ao receber a hóstia Na sua boca sangrava Foi um assombro afinal Uma afirmação geral Do próprio povo que olhava. Toda vez que a Beata Ia pra Igreja rezar Lotava toda capela Gente até no patamar Quase sempre repetia Sangue na hóstia que Maria Usava pra comungar. Desse dia por diante Reinava a inquietação Na Igreja e na aldeia E o rumor na região: — Milagre!... É milagre sim! O povo dizia enfim Com grande admiração. (p.11; 12)

36	Padre Cícero e o Juazeiro	Estudantes da Escola de Ensino Fundamental Dr. Leão Sampaio	“Um fato extraordinário Na Igreja aconteceu A hóstia virou sangue Na boca da Beata escorreu Todos se admiraram Um “milagre” apareceu Porém a igreja Milagre não aprovou Padre Cícero sofreu E a Beata chorou O povo admirado A notícia se espalhou Do Crato a primeira Veio uma romaria O Padre Monteiro Com o povo seguia Dom Joaquim Vieira A comissão mandaria Com o passar do tempo Juazeiro ia mudando O comércio crescia População aumentando O pequeno povoado Sempre diferenciando Vinham de outros estados Só por curiosidade Uns para rezarem Com amor e piedade Juazeiro tinha porte De uma grande cidade O Padre sofreu E pra Roma viajou Pra falar com o Papa A situação contou E a decisão final Para o Padim passou O crescimento foi grande E a ideia nascia De lutar por liberdade O povoado crescia Pertencer ao Crato Ninguém mais queria” (p. 3 e 4)
----	---------------------------	--	---

37	Padre Cícero pelos caminhos da verdade	Abraão Rodrigues	“Maria de Araújo Era ela a Beata Cujo pivô do milagre O povo é quem relata Quando Cícero Romão O Padre da sagração Fazia a coisa sensata.” (p.26) A hóstia virava sangue Na boca da Beata Escorria pelo corpo E também pela bata Molhando um pouco a toalha Se era algodão ou malha Mas isso não se constata.” (p. 27)
38	Padre Cícero Romão – o apóstolo do nordeste	João Pedro C. Neto	“No dia 6 de março Numa sexta-feira santa O santo milagre da hóstia Que molhou toda a manta Era o sangue de Jesus Sofrendo pregado na cruz Pela pecaminação tanta A Beata Maria de Araújo Em êxtase de vez em quando Se via cravo nas mãos E lista na fronte mostrando Como a coroa de espinho Também sangue vivinho No seu coração sangrando O Bispo do Ceará Trouxe uma comissão Minuciosamente comprovou E dando fé do seu grau Dr. Madeira sobrenatural No documento fez aprovação A comissão fez o inquérito Porem o bispo não aceitou Por faltoso ou incompleto Ele assim o reprovou Mas era tudo mentira Pois o bispo então seguira Seu egoísmo que errou

			Para segunda comissão O Sr. Bispo escolheu Quem pudesse manipular Levando pra o lado seu E como manda o banqueiro Rodou a roleta ligeiro A verdade inverteu Iniciou-se na vida Do Padre Cícero Romão Obediência e submissão Até o ultimo dia de vida Viveu a divindade sofrida Pela calúnia e perseguição” (p. 3 e 4)
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor

O primeiro cordel intitulado “A vida do Padre Cícero Romão Batista do Juazeiro” menciona a Beata Maria de Araújo e a Beata Mocinha como se fossem a mesma pessoa. O autor fala que Padre Cícero nomeou Maria de Araújo como secretária, no entanto a mesma era analfabeta e o cargo pertencia à Beata Mocinha. Mais adiante, o cordelista narra o milagre da hóstia e o atribui à Mocinha, mostrando a falta de informação a respeito da vida de Maria de Araújo.

Joana Tertulina de Jesus, a Beata Mocinha, era filha da primeira professora da cidade, logo, foi alfabetizada na infância. Na adolescência passou a viver com Padre Cícero, por conta do trabalho dos pais, que foram transferidos para outra cidade. Assim como Maria de Araújo, Mocinha não era oficialmente consagrada pela Igreja Católica, era denominada Beata por se dedicar à uma vida de castidade e oração. Mocinha, que tinha uma boa educação, logo se tornou assistente pessoal do Padre, cuidava da casa, da capela e de sua agenda. Letrada, participava, como secretária de Cícero, de quase todas as reuniões políticas da cidade.

Maria de Araújo e Mocinha são as duas Beatas conhecidas da história de Juazeiro do Norte, como não há informações consistentes sobre a vidas delas, é comum que alguns confundam suas biografias.

Nos cordéis “A vida, os milagres e canonização do Padre Cícero”, “Meu Padim, 150 anos ao lado do romeiro”, “Nascimento, vida e a morte do Padre Cícero Romão Batista”, “Padre Cícero e Juazeiro de ontem e hoje”, “Padre Cícero Romão: o apóstolo do nordeste”, e “O santo de Juazeiro”, Maria de Araújo aparece ao ser

relacionada com o milagre, os cordelistas narram que o milagre mudou a rotina da cidade e afirmam que esse fato deu início às romarias de Juazeiro do Norte, citam a desaprovação da Igreja, “a condenação dos milagres da Beata” e o sofrimento do Padre, porém não citam nenhum tipo de castigo imposto à Maria.

“O filme do Padre Cícero” fala do longa-metragem “Padre Cícero: os milagres de Juazeiro”, lançado em 1976⁵, o autor menciona o nome da atriz que interpreta Maria. Afirma que Maria de Araújo vivia feliz ao lado de Padre Cícero até a perseguição da Igreja. Afirma que Maria era inocente e foi punida injustamente.

No cordel “O santo de Juazeiro”, o poeta descreve os esforços da Igreja em apagar o fato do milagre, a crença, o relato das pessoas e com isso a memória de Maria de Araújo. No trecho: “Maria de Araújo/ Beata de fé segura/ Que tinha a alma de neve/ Por baixo da pele escura”, a cordelista justifica que apesar de negra, a Beata tinha alma branca, sendo visível o preconceito racial e a tentativa de atenuar a cor de pele de Maria. A cordelista afirma que a Beata era humilde e fiel, assim como em “A vida, os milagres e canonização do Padre Cícero”, que o poeta fala que as Beatas ajudavam o Padre nos momentos de alegria e dor.

“Padre Cícero pelos caminhos da verdade” e “Nascimento, vida e a morte do Padre Cícero Romão Batista” Maria de Araújo é vista como agente principal do milagre, e em “Padre Cícero e Juazeiro de ontem e hoje”, o cordelista afirma que Maria estava sempre cercada de fiéis que desejam presenciar o milagre. No cordel “Padre Cícero Romão: o apóstolo do nordeste” são relatados os êxtases, cravos nas mãos e marca de coroa de espinhos na testa de Maria de Araújo.

O título “Padre Cícero e o Juazeiro” fala da desaprovação da Igreja, dos castigos impostos ao Padre e à Beata. É atribuído ao milagre o início das romarias, o crescimento e a emancipação política da cidade. Junto com o cordel “O filme do Padre Cícero”, são os únicos que falam dos castigos impostos à Maria.

Quadro 07: Cordéis que falam sobre outras personalidades

	Título	Autor	Trecho
39	José Marrocos – um mártir do	José Flávio	“Mas aqui em Juazeiro Sem cabível explicação

⁵<http://cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=FILMOGRAFIA&lang=P&nextAction=search&exprSearch=ID=023861&format=detailed.pft>

	milagre		Ocorreu bem na presença Do Padre Cícero Romão A hóstia virando em sangue Na hora da comunhão. Com Maria de Araújo Deu-se o acontecimento Um fato que muitos viram E em mais de um momento Isso trouxe pro padrinho Enorme padecimento.” (p.12)
40	Lágrimas do último adeus	Pedro Bandeira	“Rosário, prece, oração, Renovação e altar No milagre da Beata Ninguém podia falar Dizia guardem na mala Tem coisa que só se fala Quando o momento chegar.” (p.6)
41	Marrocos na história do Juazeiro	Pedro Ernesto Filho	“Dos chamados milagres de Juazeiro Atraiu para si o grande encargo, Que a ele custou momento amargo Com respaldo em jornais do mundo inteiro, A Beata e seu caso romanceiro Decorrido da hóstia milagrosa, Que por ser uma graça duvidosa Chamou-se de fato extraordinário Ensejando um debate literário Entre Paulo Machado e Mons. Feitosa.” (p.9)

Fonte: Elaborado pelo autor

Dois dos cordéis histórico-biográficos onde seu assunto principal são outras personagens de Juazeiro do Norte são em homenagem ao professor e jornalista José Marrocos, que se envolveu com o milagre por ser parceiro político de Padre Cícero. No primeiro cordel o nome de Maria de Araújo é citado apenas uma vez no texto, quando o cordelista afirma que com a Beata “deu-se o acontecimento”. Padre Cícero aparece como o personagem perseguido, projetando a compreensão de que o milagre foi obra do Padre. Em “Marrocos na história do Juazeiro” é narrada a biografia de José Marrocos e ao citar seu envolvimento com o milagre menciona Maria de Araújo apenas como “a Beata”. Em ambos os textos José Marrocos

aparece como martirizado por apoiar o milagre, como o título de um dos cordéis sugere, “José Marrocos – um mártir do milagre”, porém, em momento algum é feita qualquer menção aos castigos sofridos por Maria.

O outro cordel da subcategoria, “Lágrimas do último adeus” narra vida e morte de Monsenhor Murilo, religioso muito estimado na cidade de Juazeiro do Norte. Segundo o cordelista, o sacerdote aconselhava às pessoas a não falarem no “milagre da Beata” por conta das perseguições, apontando as tentativas da Igreja de apagar histórias e relatos do milagre.

Quadro 08: Cordéis não-histórico-biográficos

	Título	Autor	Trecho
42	Cordel mulher: retratos de Maria	Cícero J. A. Gonçalves (Soneca)	“Maria de Araújo Sou negra com alegria O sangue me condenou Nordestina sou Maria Filha de nosso senhor A hóstia con-sagrada E serei eu a condenada E serás tu o salvador” (p.4)
43	Padre Cícero e a vampira	Francisca Pereira dos Santos (Fanka)	“A vampira tão gaiata Não parava de xingar Diferente da Beata, Mas que veio pra fechar Foi Maria de Araújo Que trazia um pano sujo Querendo negociar. Apontou na escadaria Segurando pela mão Uma hóstia que faria Diferença no sertão O milagre, pois, seria Misturar sangue e poesia E fazer a transfusão. A vampira foi dizendo: “que Mocinha atrevida Só você não está vendo Como se transmite sida Não importa o que é seu No entanto sangue meu É coisa bem escolhida”.

		A Beata se ofendeu E cuspiu naquele chão Afinal, não se rendeu Nem pra romanização Como poderia aquela Sirigaita e megera Questionar tal devoção? Vá de retro satanás Pegue o beco vampirão E não olhe para trás Se não leva um beliscão Você tem nos ofendido O seu perfume é fedido E nos dá indigestão. Sua bruxa traiçoeira Debochada e herege Se você é feiticeira Sua crença aqui não rege Nessa terra só tem santo Se tentar fazer quebranto, Tomara que aleije! Que mocinha corajosa Que Beata sangue bom Nessa intriga perigosa Não ficou no meio tom Retrucou pela guela Com a vamp mais cruela Nos mostrou ela seu dom.” (p. 21, 22; 23)
--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

O primeiro dos dois cordéis categorizados como não-histórico-biográfico, “Cordel mulher: retratos de Maria” homenageia a mulher, retratando várias Maria's, personagens histórias e fictícias, de Maria do lar, dona de casa, à Maria Madalena, figura bíblica. A estrofe dedica à Beata é apresentada na primeira pessoa, Maria de Araújo, por meio da voz do poeta, afirma injustiçada, que foi condenada e o padre, não mencionado diretamente, recebe a fama de salvador.

Em “O Padre Cícero e a vampira”, texto ficcional e cômico, uma vampira vem a Juazeiro do Norte e contracena com personagens como Padre Cícero e Maria de Araújo. O texto afirma que o milagre fez diferença no sertão e foge das construções

em que aponta o Padre Cícero como responsável pela santificação do milagre. No trecho “A vampira tão gaiata/ Não parava de xingar/ Diferente da Beata” entendemos que a cordelista apresenta Maria de Araújo como uma pessoa dócil, que não usa agressões verbais, em contrapartida, mostra uma Beata corajosa e resistente em relação à devoção ao milagre, não tendo se rendido “nem pra romanização.”

Posteriormente a análise individual de cada título, segue uma síntese da percepção dos cordelistas sobre Maria de Araújo:

Os cordelistas que aparecem com maior frequência são: João Bandeira Caldas, com quatro títulos, Pedro Bandeira, com três títulos, e Cícero José Alves Gonçalves (Soneca), João Pedro C. Neto e José Edimilson Correia (Zé Mutuca), ambos com dois cordéis. Os demais autores apresentam apenas um título onde Maria é mencionada. Há dois títulos escritos de forma coletiva, um pelos estudantes da Escola de Ensino Fundamental Dr. Leão Sampaio, e outro pelos estudantes da Escola de Ensino Fundamental Tabelaão Vicente Pereira.

As estrofes “Padre Cícero sofreu/ E a Beata chorou” são repetidas em dois títulos “Padre Cícero e o Juazeiro” e “Os três maiores momentos da história do Juazeiro – a chegada do padre Cícero, o milagre e emancipação política”, reforçando a origem da literatura de cordel, transmitida por meio da oralidade.

Em apenas um cordel Maria é citada sem nenhuma referência ao milagre. No título “Visitando Juazeiro”, Maria é, mencionada apenas uma vez juntamente com a Beata Mocinha. É anunciada pelo poeta como uma figura religiosa importante da cidade, deixando entender que Maria faz parte da história da cidade, sem necessidade de mencionar o milagre que a tornou conhecida.

Há cinco títulos onde o cordelista chama Maria apenas de Beata. Três da subcategoria dos cordéis que falam de Juazeiro do Norte: “Centenário de Juazeiro do Norte”, “Em defesa de Juazeiro”, “Juazeiro do Norte: um século de progresso e fé”. Um da subcategoria dos cordéis que falam sobre Padre Cícero: “Padre Cícero e o Juazeiro”, e “Lágrimas do último adeus” dos cordéis que falam sobre outras personalidades. Os três primeiros títulos apresentam Maria com distanciamento e impessoalidade, sem apresentar qualquer característica pessoal sua. “Padre Cícero e o Juazeiro”, apesar de não citar o nome de Maria, menciona seu sofrimento. “Lágrimas do último adeus”, que narra a vida de Monsenhor Murilo, menciona a proibição de falar sobre o milagre da Beata, deixando entender que o sacerdote

incentivava o povo de Juazeiro do Norte a não esquecer de Maria, e voltar a falar dela apenas “quando o momento chegar”.

Juazeiro do Norte, uma das principais cidades do interior do Nordeste, tem as romarias como sua principal fonte de renda, que, direta e indiretamente, movimenta o comércio durante todo o ano. Grande parte dos cordéis analisados afirma que o milagre de Maria foi o fato que iniciou a movimentação romeira na cidade, fazendo de Maria, grande responsável pelo crescimento e desenvolvimento de Juazeiro do Norte, e conseqüentemente, da região metropolitana do Cariri. No entanto, há pouco espaço dedicado à ela nos cordéis localizados na cidade.

Entre os cordéis analisados, 12 apontam seu sofrimento e condenação. Maria é vista por esses poetas como mártir da cidade, que se sacrificou por afirmar o milagre que protagonizou. Sete cordelistas afirmam a santidade de Maria através dos transe e estigmas, visto que, no credo Católico, apenas santos recebem os sinais da paixão de Cristo.

Há quatro títulos que afirmam que Padre Cícero passou a ter reconhecimento por causa de Maria, através do milagre. Sem Maria de Araújo, a fama de Padre Cícero de milagreiro, não existiria, mas apenas o líder político. Dois cordelistas relatam a violação do túmulo e desaparecimento dos restos mortais de Maria, ressaltando a falta de respeito com sua memória e o fato de não terem deixado de persegui-la.

Quadro 09: Fatos da vida de Maria de Araújo abordados pelos cordelistas

O milagre como fato fundador das romarias na cidade	26 títulos
Condenação e sofrimento de Maria	12 títulos
Transe/ estigmas	7 títulos
Fama do Padre através da Beata	4 títulos
Violação do túmulo	2 títulos

Fonte: Elaborado pelo autor

Os cordelistas que retratam a personalidade de Maria de Araújo, a tratam com grande afeição e intimidade, como no título “O milagre de Juazeiro”, onde o poeta usa de diminutivos ao se referir à Beata, como “beatinha”, “pobrezinha” e “santinha”.

Maria é muitas vezes retratada como predestinada à santidade, sendo

instrumento divino para a realização de um milagre que mudaria a vida do povo sertanejo. Ela é vista pelos cordelistas como uma pessoa subserviente e introspectiva. Apenas dois cordéis a retratam com momento de rebeldia, durante a represália feita Igreja Católica. Dois cordelistas afirmam que Maria tinha doenças mentais, e um cordel relaciona a doença da Beata à tristeza.

A seguir um quadro com os traços de personalidade atribuídos à Maria:

Quadro 10: Personalidade de Maria de Araújo segundo os cordelistas

Vocacionada/ instrumento/ serva de Deus	13 títulos
Devota/ fiel	4 títulos
Pura/ Inocente	3 títulos
Serena	2 títulos
Portadora de doenças psíquicas	2 títulos
Rebelde	1 título
Atrevida	1 título
Paciente	1 título
Incentivadora da fé	1 título
Civilizada	1 título
Singela	1 título
Pacata	1 título
Deprimida/ triste	1 título

Fonte: Elaborado pelo autor

Apenas cinco títulos relatam que Maria era negra, entre esses, um cordel afirma que esse fato fez de Maria vítima de preconceito. Em outro título é afirmado que, apesar de negra, Maria tinha alma de branco. Um título afirma que Maria era analfabeta. Quanto à profissão, Maria é descrita como lavadeira em dois títulos, como artesã em dois, e em um como operária.

Quadro 11: Características da vida de Maria apontadas pelos cordelistas

Negra	5 títulos
Analfabeta	1 título

Lavadeira	2 títulos
Artesã	2 títulos
Operária	1 títulos

Fonte: Elaborado pelo autor

Os cordéis da primeira subcategoria, que são dedicados à história de vida de Maria não apresentam o nome completo da Beata. Dado apresentado apenas no título “Juazeiro centenário: pautado no trabalho, modelado na fé” da subcategoria dos cordéis que falam de Juazeiro do Norte.

Na subcategoria onde Maria é assunto principal, é visível que os poetas buscaram informações sobre a vida da Beata, visto que apresentam informações detalhadas como datas dos acontecimentos e nomes dos envolvidos. Há uma particularidade no cordel “A história da beata Maria de Araújo e do milagre de Juazeiro”, de Hamurábi Batista, ao final do texto, o autor apresenta uma lista de referências bibliográficas usadas na redação do cordel, já Salete Maria da Silva, autora de “Maria de Araújo e seu lugar na história ou A beata beat cult” afirma que, além de ter conhecimento da história de Maria por meio da oralidade, também fez leituras sobre o assunto.

Os títulos “Maria de Araújo e seu lugar na história ou A Beata beat cult” e “Tributo à Maria de Araújo” apontam as torturas durante o recolhimento como causa da morte de Maria, que já tinha histórico de doenças físicas e psíquicas. É comum aos três cordéis apontar o preconceito de gênero, raça e classe social como motivo de exclusão de Maria da história oficial de Juazeiro do Norte.

Nos cordéis que falam do milagre, de Juazeiro do Norte e de Padre Cícero, Maria é, na maioria das vezes, apresentada com distanciamento e impessoalidade, nenhum dos cordéis fala de fato sobre a vida pessoal da Beata, sendo sempre relacionada diretamente ao milagre. Na maioria das vezes é apresentada como autora do milagre, porém os cordelistas afirmam apenas a santidade de Cícero.

Maria aparece nos cordéis não-histórico-biográfico pois faz parte do imaginário popular de Juazeiro do Norte. Nos cordéis não vemos uma Maria de Araújo religiosa, submissa e passiva, mas sim uma mulher resistente, mesmo injustiçada e condenada manteve sua posição em acreditar na veracidade do milagre que protagonizou.

6 Considerações

A literatura de cordel, desde sua popularização, é um meio bastante usado pelo sertanejo para demonstrar seu credo. Unindo o real e o imaginário, o poeta transfere para o papel o que assimila através da tradição oral. O cordel reflete as percepções vividas no cotidiano das suas comunidades, apontando de forma lúdica sua história, lendas, mitos e tradições. A reconstituição de fatos através de relatos de memórias coletivas, direciona para uma melhor interpretação da percepção da sociedade que conta e relata essa história.

É notável que em Juazeiro do Norte, cidade pioneira na produção de cordéis, Padre Cícero tem lugar assíduo nos folhetos. Político e religioso, indubitavelmente trouxe para a cidade o crescimento social e econômico, e manteve viva sua imagem como principal protagonista desses feitos.

Nesta pesquisa, que se propôs a analisar o conteúdo dos cordéis presentes em acervos públicos de Juazeiro do Norte, vasculhou-se todos os textos que mencionavam a Beata Maria de Araújo, buscando identificar sua representação pelos poetas. Através dessa análise é visível que grande parte dos cordelistas apresenta o milagre no qual Maria foi protagonista, como fato fundador das romarias na cidade. No entanto, a imagem de Maria é na maioria dos textos apresentada de maneira inferior à de Cícero, a figura dela é quase sempre dependente à figura dele. Maria é predominantemente apontada como um canal usado pelo Padre para a realização do milagre do Padre.

Em alguns cordéis, há a denominação Beata, desacompanhada do nome Maria de Araújo, o que pode ser entendido como um sinal do esquecimento ou falta de respeito à personalidade de Maria. É explícita a falta de conhecimento detalhado sobre a biografia de Maria de Araújo pelo povo de Juazeiro do Norte, visível em um dos cordéis, quando o cordelista confunde a história de vida Maria com a de outra Beata seguidora do Padre Cícero.

Maria de Araújo: mulher, brasileira, nordestina, pobre, negra e analfabeta, carregou sobre si o fardo de pertencer à várias minorias sociais e foi vítima de preconceitos, como o de gênero, raça e classe social.

Poucos cordéis apontam que Maria era negra. Há uma tentativa de embranquecimento de Maria quando, em um título, se afirma que ela “Tinha a alma de neve/ Por baixo da pele escura”. A expressão “negro de alma branca” é usada como uma tentativa de elogio, sendo o negro de alma branca, aquele que conseguiu

se tornar superior a sua raça e se assemelhar ao branco. No entanto a expressão é opressora e carregada de preconceito, e jamais deveria ser usada como elogio, visto que aponta o negro como raça inferior.

Até os dias atuais, esse processo de marginalização priva algumas minorias de seus direitos à cidadania. Conduzindo-as ao esquecimento e não permitindo que tenham lugar na história de seu povo.

É fato que houve uma tentativa de apagar a memória de Maria, sobressaindo assim, a de Padre Cícero. Isso ficou nítido durante a análise dos cordéis, onde se percebe que Maria não possui uma biografia com informações consistentes. Porém essa ausência sobre a história de Maria existe, não somente nos cordéis, mas também nos livros e relatos oficiais da cidade.

Aqui consideramos a literatura de cordel, expressão artística, histórica e cultural, também como fonte de informação, por ser capaz de materializar as memórias individual e coletiva. Após a leitura dos cordéis, constatou-se que as informações, ou a falta delas, sobre Maria, são as mesmas nos livros, utilizados para compor o referencial teórico sobre a Beata e o milagre de Juazeiro, e nos cordéis encontrados em Juazeiro do Norte. Assim, a memória relatada nos cordéis, enquanto construto social, deve ser entendida como memória coletiva, por ser uma memória da sociedade, formada pela sociedade.

A história, as lendas e os boatos de que a Igreja Católica tentou que a memória de Maria de Araújo fosse apagada são comuns na cidade. Essa tentativa não alcançou a crença e a tradição oral, mantendo viva, mesmo que através de pouquíssimos vestígios, sua importância para a memória de Juazeiro do Norte. O milagre é sem dúvida responsável pela movimentação romeira da cidade, assim, Maria de Araújo faz parte do imaginário da cidade.

A Ciência da Informação, fundamentalmente social, ao se preocupar com questões ligadas à memória e informação, permite reflexões a respeito da reconstrução e conservação de memórias de minorias marginalizadas, e seu uso nos aspectos culturais e sociais.

Como contribuição, buscou-se nessa pesquisa, não apenas tornar conhecida a representação da Beata Maria de Araújo, reconhecendo sua memória individual como parte da memória coletiva de Juazeiro do Norte, mas também pela possibilidade de abrir novas discussões de uma prática cultural que tem a faculdade de reconstituir a memória esquecida nos meios tradicionais de registro documentário, sendo representada e divulgada através da literatura de cordel.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. *Histórias de cordéis e folhetos*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. *Literatura Popular de Cordel: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica*. 2011. 316f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ALMEIDA, C. C. O campo da ciência da informação: sua definição no discurso coletivo dos pesquisadores brasileiros em ciência da informação. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, VI, 2005, Florianópolis. *Anais....* Florianópolis: PGCIN/UFSC, 2005. P 12-24.

AZEVEDO NETTO, C. X. Signo, Sinal, Informação - as relações de construção e transferência dos significados. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 4-12, 2002.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. *Revista História em Reflexão*, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p. 1-19, jul./ dez. 2007.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARRETO, A. A. A oferta e a demanda de Informação: condições, técnicas econômicas e políticas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n.2, p. 167-177, 1999.

_____. A questão da Informação. *Revista São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v. 8, n.4, p. 3-8, 1994.

_____. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27, n.2, p.122-127, maio/ago. 1998.

DELLA CAVA, R. *Milagre em Joazeiro*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

DIAS, M. O cordel no prelo: trajetórias e impressões. In: MENDES, Simone (Org). *Cordel nas Gerações: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Gráfica Expressão, 2010. p. 14-28.

FORTI, M. C. P. *Maria do Juazeiro: a Beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999.

FRANÇA, H. E.C. *O lapso da memória: um estudo sobre a preservação digital e o acesso a uma hemeroteca jornalística*. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FREIRE, G. H. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 6-19, jan./abr. 2006.

FREIRE, R. V. *Tipografia São Francisco/ Lira Nordestina: práticas culturais, discurso e memória*. 2012. 235 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

GARCIA, J. C. R. Conferências do Geórgia Institute of Technology e a Ciência da Informação: de volta para o futuro. *Informação & Sociedade*, v. 12, n. 1, 2002.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social, in: GONDAR, J. ; DODEBEI, V. *O que é memória social*, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005. p. 27-36.

GRILLO, M. A. F. A literatura de cordel e o ensino da história. In: CONGRESSO LUSOBRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Porto, *Anais...* Porto: [S. n.], 2008. p 41-57.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LE COADIC, Y. F. *A ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEGOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

LEMAIRE, R. Pensar o suporte – resgatar o patrimônio. In: MENDES, Simone (Org). *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Gráfica Expressão, 2010. p. 32-45

LIRA NETO. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LUCENA, B. P. *Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro*. 2010. 88f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas). Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2010.

LUYTEN, J. M. *A Notícia na literatura de cordel*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MATOS, E. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone (Org). *Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Gráfica Expressão, 2010.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NOBRE, E. S. Beatas, bruxas e profetisas: um estudo acerca das práticas místicas femininas no sul do Ceará (1889-1898). In: I Seminário Nacional de Gênero e Prática

Culturais, João Pessoa, 2007.

_____. Sertão sobrenatural. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 50, p. 68-71, nov. 2009.

OLIVEIRA, C. J. D. *A formação da literatura de cordel brasileira*. 2012. 381 fls. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) - Faculdade de Filologia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012.

PAIVA, P. J. B. *Memórias do cordel: o legado da Tipografia São Francisco para o design brasileiro*. 2011. 110f. Monografia (Bacharelado em Design Gráfico) Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

PEIXOTO, M. C. L. *Santos da porta ao lado: os caminhos da santidade contemporânea católica*. 2006. 255 fls. Tese (doutorado em Antropologia e Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida; ORRICO, E. G. D. (Org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Editora Universitária da UFRN/EDUFRN, 2006, p. 111-141.

PINTO, M. I. R. Literatura de cordel do Brasil e de Portugal: elementos articuladores de cumplicidades e conflitos. In: XV congresso nacional de linguística e filologia, 2011, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro, 2011.

PINTO JÚNIOR, L. A. O Padre Ibiapina: precursor da opção pelos pobres da Igreja do Brasil. In: *Perspectiva teológica*, Belo Horizonte, ano 24, n. 34, p. 197-222, 2002.

POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTO AGOSTINHO. Confissões. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

SANTOS, F. P. Poética das vozes e da memória. In: MENDES, S. (Org.). *Cordel nas Geraís: oralidade, mídia e produção de sentido*. Fortaleza: Gráfica Expressão, 2010.

SARACEVIC, T. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, E. G. Beata Maria de Araújo: de esquecida da história à protagonista de um milagre. In: XII Encontro Estadual de História do Ceará História: Políticas Públicas e Práticas Culturais, 2010, Crato, *Anais...* Crato, 2010. p 62 – 75.

SILVA, S. P. et al. Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. *Raído*, Dourados, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 71, jul./2000.

SOUZA, M. P. N. Abordagem inter e transdisciplinar em ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org). *Para entender a Ciência da Informação*. Salvador : EDUFBA, 2007. p 23-32

ZEMAN, Jirí. Significado Filosófico da noção de Informação. In: *O conceito de informação na Ciência contemporânea*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. P19-27